

# INVENTÁRIO NACIONAL DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

## INVENTÁRIO DA LÍNGUA SAKURABIAT

### PARTE I – Formulário

O formulário está organizado em 6 *módulos*, com um conjunto de temas para cada um deles, conforme ilustrado a seguir:

#### 1. IDENTIFICAÇÃO DA PESQUISA

- Dados do proponente;
- Identificação da pesquisa;
- Escopo do inventário;
- Documentação de anuência;
- Avaliação sobre as informações fornecidas;
- Identificação da área de abrangência da pesquisa.

#### 2. CARACTERIZAÇÃO TERRITORIAL

- Identificação das localidades onde a língua é falada;
- Caracterização do território da língua.

#### 3. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA COMUNIDADE LINGUÍSTICA

- Identificação da comunidade linguística;
- População da comunidade linguística;
- Caracterização da comunidade linguística.

#### 4. IDENTIFICAÇÃO E CARACTERIZAÇÃO DA LÍNGUA DE REFERÊNCIA

- Denominações;
- Modalidade da língua;
- Historicidade;
- Língua e variedades;
- Situação político-jurídica;
- Recursos documentais;
- Pessoas de referência;
- Instituições.

#### 5. DIAGNÓSTICO SOCIOLINGUÍSTICO

- Falantes;
- Aquisição;
- Transmissão da língua de referência;
- Escrita e leitura;
- Situações de uso;
- Atitudes linguísticas na comunidade;
- Síntese.

#### 6. AVALIAÇÃO DA VITALIDADE LINGUÍSTICA, REVITALIZAÇÃO E PROMOÇÃO

- Ações de revitalização e promoção;
- Vitalidade linguística.

# Módulo 1

## Identificação da Pesquisa

Este é o espaço para identificação do proponente, do projeto e de parte dos metadados, ou seja, informações sobre o conteúdo disponibilizado no que diz respeito à sua natureza, fontes, abrangência e metodologia de levantamento. Este módulo não corresponde propriamente a um tema de pesquisa, mas nele estão contidas questões preliminares sobre o modo como a pesquisa foi organizada, além de um conjunto de informações preliminares para informar aos leitores sobre sua natureza.

### 1. Dados do proponente

Nos campos a seguir, preencha com os dados do responsável pelo inventário: nome da instituição e seu endereço, nome do(s) responsável/veis pela pesquisa, formas de contato (da instituição e do responsável, se possível), o tipo de instituição e as credenciais da equipe, ou seja, um conjunto de informações básicas sobre a experiência dos membros da equipe, sua experiência com a(s) língua(s) inventariada(s) com a(s) comunidade(s) linguística(s) em questão e outras pesquisas correlatas.

Nome da Instituição	Museu Paraense Emílio Goeldi
Nome do responsável pela instituição	Ana Luiza Albernaz - Diretora
Endereço da Instituição	Av. Gov Magalhães Barata, 376 - São Bráz, Belém - PA, 66040-170
Nome do responsável pela pesquisa	Ana Vilacy Galucio – Linguista
Contatos (e-mail e telefone) do responsável pela pesquisa	<a href="mailto:avilacy@museu-goeldi.br">avilacy@museu-goeldi.br</a> [telefone anonimizado]
Tipo de Instituição (Utilize a tabela de códigos a seguir para indicar o tipo de instituição)	[4]

Tabela de códigos - Tipos de Instituição	
[1] Associação/Representação de falantes	[6] Instituição Pública Municipal
[2] Terceiro Setor	[7] Ponto de cultura ou similar
[3] Instituição Privada	[8] Instituição Religiosa
[4] Instituição Pública Federal	[9] Fundação
[5] Instituição Pública Estadual/Distrital	[10] Outra ( <i>especificar</i> )

#### Credenciais da equipe

**Ana Vilacy Galucio** – Pesquisadora Titular no Museu Paraense Emílio Goeldi. Doutora em Linguística pela Universidade de Chicago (EUA). Desde 1994 realiza pesquisa junto ao povo Sakurabiat, da Terra Indígena Rio Mequéns, tendo feito várias etapas de pesquisa de campo desde então. Concluiu seu mestrado e doutorado na Universidade de Chicago, apresentando estudos sobre a língua Sakurabiat (Galucio, 1996, 2001) Publicou também diversos artigos científicos e tem orientado alunos de graduação e pós-graduação com trabalhos desenvolvidos sobre a língua. No período de 1996 a 1998, coordenou o projeto de alfabetização na língua Sakurabiat, desenvolvido pela Área de Linguística do Museu Paraense Emílio Goeldi, o qual

envolveu elaboração de ortografia, aulas ministradas nas aldeias e produção de material didático e de apoio à leitura, em colaboração com os alunos.

**Carla Daniele da Costa** – Mestre em Letras (Linguística) pela Universidade Federal do Pará trabalhou como assistente de pesquisa. Carla Costa estudou a língua sakurabiat durante a graduação e também no curso de Mestrado. Sua dissertação de mestrado versou sobre o desenvolvimento de material didático para ensino da língua Sakurabiat na escola indígena.

**Assistentes Indígenas** - A pesquisa contou também com assistentes de pesquisa indígenas em todas as aldeias que colaboraram com a coleta de informações, especialmente para o diagnóstico sociolinguístico, e registro fotográfico.

## 2. Identificação da pesquisa

### 2.1 Nome de identificação da pesquisa

Identifique no campo abaixo a pesquisa. Sugere-se nomear o projeto a partir da identificação da língua, da comunidade linguística ou de uma região multilíngue. Por exemplo, “Inventário da língua juruna”, “Inventário da região do lavrado de Roraima”, etc.

Inventário da língua Sakurabiat

### 2.2 Objetivo da pesquisa

Nos campos abaixo, indique o objetivo da produção de conhecimento apresentada através deste formulário, assim como a(s) língua(s) correspondente(s) cuja inclusão no INDL é solicitada.

<input checked="" type="checkbox"/> Produção de conhecimento para inclusão no INDL	De qual/quais língua(s)? Sakurabiat
<input type="checkbox"/> Produção de conhecimento de língua já incluída no INDL	De qual/quais língua(s)?
<input type="checkbox"/> Outro. Explique:	Qual? Sobre qual/quais língua(s)?

### 2.3 Identificação e síntese da(s) língua(s)

Faça um breve texto descritivo, contendo uma síntese de informações e dados levantados durante a pesquisa sobre as línguas inventariadas, como, por exemplo, nome da língua, região de origem, localidades onde a língua é falada, número estimado de falantes, etc. Crie um novo campo para cada língua inventariada.

Nome da língua: Sakurabiat

Síntese:

A língua Sakurabiat é uma das cinco línguas indígenas que compõem a família linguística Tupari, a segunda maior família do tronco Tupi. A palavra sakurabiat significa literalmente “o grupo dos macacos-prego”, composta morfologicamente por *sakurap* ‘macaco-prego’ + *iat* ‘coletivo; plural’. Sakurabiat é um dos vários subgrupos ou clãs que constituem a etnia Sakurabiat. A grafia do nome SAKURABIAT segue o alfabeto da língua (Galucio, 2006) no qual o grafema <u> representa a vogal central alta não arredondada [ɨ]. Na literatura acadêmica também podemos encontrar o nome Mekens fazendo referência à língua e ao grupo Sakurabiat (GALÚCIO, 1994). O termo Mekens foi uma denominação geral atribuída a grupos indígenas diferentes que viviam na região do rio Mequens.

Atualmente o termo Sakurabiat é usado como autodenominação da etnia e da língua tradicional do povo. Esse povo sofreu drástica redução populacional desde os primeiros contatos com não indígenas. Atualmente os subgrupos reconhecidos politicamente entre os Sakurabiat são os Guatatira, os Korategayat, os Sakurabiat. Porém há ainda pessoas representantes de outros grupos antigos, como Taapioriat e Mapi-apeyat. Havia um último representante do grupo Siokweriat, que morava já há alguns anos na TI Rio Branco, e nos últimos anos se autoidentificava como membro da etnia Kampé. Infelizmente enquanto redigíamos a versão deste relatório, fomos informados do seu falecimento, no mês de janeiro de 2021, devido a complicações e sequelas do covid-19.

As outras línguas da família Tupari geneticamente relacionadas à língua Sakurabiat são: Akuntsu, Wayoro, Makurap e Tupari. Todas essas línguas são faladas no estado de Rondônia por grupos relativamente pequenos.

A comunidade de referência e a comunidade linguística são equivalentes. À época do levantamento, com exceção de duas pessoas, todos os falantes de Sakurabiat residem na T.I. Rio Mequens. A maioria dos Sakurabiat vive na Terra Indígena (TI) Rio Mequens, localizada no município de Alto Alegre dos Parecis, estado de Rondônia (Brasil). A população total na T.I. Rio Mequens era de 86 pessoas, distribuídas da seguinte forma: 80 indígenas Sakurabiat e 06 não indígenas (05 homens e 01 mulher) casados com indígenas Sakurabiat (dados de 2016 e 2017, atualizados em 2019). Essa população está distribuída em 05 aldeias: aldeia 90, atualmente sendo renomeada para Aipere Koopi; aldeia Mariano (também conhecida como aldeia do Joãozinho); aldeia Baixa Verde; aldeia Soopipari e a aldeia Kwai. Foram computadas também nesse total duas famílias que moram nas proximidades da Terra Indígena, mas não propriamente dentro da T.I.: são mulheres indígenas da etnia Sakurabiat, casadas com não indígenas, e seus filhos. Temos ainda informações de que algumas famílias Sakurabiat residem fora da T.I. Rio Mequens, nos seguintes locais: T.I. Rio Branco, e em áreas urbanas, nos municípios de Pimenta Bueno, Cacoal, Vilhena, São Felipe na localidade de Porto Rolim de Moura do Guaporé, povoado às margens do rio Mequens, onde vive parte do povo wajuru.

O número de falantes da língua Sakurabiat é ainda menor. Em 2017, foram computados 15 falantes plenos da língua e 09 falantes parciais. Desse total, apenas 02 falantes plenos não residiam à época na T.I. Rio Mequens. Um senhor havia mudado há pouco tempo para a cidade e outro havia mudado para a T.I. Rio Branco, também em Rondônia. De julho de 2017 a janeiro de 2021, o número de falantes foi ainda mais reduzido devido ao falecimento de 04 pessoas. Três falantes plenos faleceram entre [telefone anonimizado] e uma senhora, falante parcial da língua também faleceu em 2019. Portanto, em janeiro de 2021, o número de falantes da língua computado é de 12 falantes plenos e 08 falantes parciais.

Considerando-se esse cenário, a língua dos Sakurabiat encontra-se criticamente ameaçada de desaparecimento. Um dos fatores decisivos para o desenvolvimento do cenário atual foi a interrupção na transmissão da língua para as gerações mais novas. Essa situação não é recente, uma vez que já foi documentada pela coordenadora da pesquisa, desde suas primeiras inserções na T.I, em 1994. Todos os Sakurabiat são falantes fluentes de português.

Dado que se trata de um inventário amplo. Inclui todos os residentes nas aldeias Sakurabiat, na T.I. Rio Mequens e também a família de indígenas Sakurabiat que reside T.I. Rio Branco. O

levantamento foi realizado inicialmente em duas viagens a T.I Rio Mequens, em 2016 e 2017, sendo que os dados foram confirmados e atualizados em uma terceira viagem 2019. Esta última viagem não foi custeada com recursos do projeto INDL. As últimas informações sobre falecimento de pessoas foram atualizadas em janeiro de 2021.

### 3. Escopo do inventário

Selecione a opção quanto ao Escopo do Inventário. O inventário básico contém o mínimo necessário para a inclusão no INDL. O inventário amplo contempla produções de conhecimento mais abrangentes sobre uma ou mais línguas. Ambas as possibilidades de inventários possuem a mesma natureza de produtos (formulário, relatório e acervo digital).

- Inventário básico  
 Inventário amplo

### 4. Documentação de Anuência

#### 4.1 Anuência à pesquisa

Anexe documentação comprobatória de anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa. Se o proponente for uma organização com representantes da própria comunidade, esse é o espaço para que isso seja informado. Se o proponente for organização de fora da comunidade, faz-se necessária a anexação de documentação impressa ou audiovisual conforme normatização pertinente (consultara Seção 4.2, Volume I do Guia, para obter informações sobre anuências". O Suplemento Metodológico traz exemplos de documentação de anuência.

*Anexar/Fazer upload de arquivos(s)*

Anuência da comunidade linguística para a realização da pesquisa encontra-se anexa e inclui vídeo com apresentação do INDL e ANUENCIA da comunidade Sakurabiat, em assembleia, com representantes das diferentes aldeias, e inclui também cartas de anuência assinadas pelos caciques e por outros membros da comunidade.

#### 4.2 Pedido de reconhecimento

Anexe documentação (escrita ou audiovisual) em que a comunidade manifeste petição ou concordância para a inclusão da língua no INDL..

*Anexar/Fazer upload de arquivos(s)*

Em anexo, carta de pedido de reconhecimento e inclusão da língua no INDL e vídeo com a concordância da comunidade. Os Sakurabiat da T.i. Rio Mequens e da T.I. Rio Branco concordam com o reconhecimento da língua.

## 5. Avaliação sobre as informações fornecidas

Neste item, espera-se que os proponentes realizem uma autoavaliação das informações que inscreverem no formulário quanto à abrangência e à natureza dos dados, além de fornecer informações sobre fontes e escopo das pesquisas. Demais informações e aprofundamentos sobre metodologia e execução das pesquisas devem ser fornecidas no relatório de pesquisa – sugere-se que as equipes indiquem nos campos de observação do formulário em qual seção do seu relatório estão disponíveis tais dados ( para mais informações sobre fontes, abrangência e técnicas de produção de dados, consultar o Volume I do Guia).

### 5.1 Fontes dos dados

As perguntas deste item dizem respeito às fontes de dados utilizadas pela pesquisa, isto é, se houve trabalho em campo para geração de dados originais e/ou atualização de dados secundários.

- Houve pesquisa de campo para a produção de dados originais?

Marque com um X a opção adequada.

<input checked="" type="checkbox"/> Sim	<input type="checkbox"/> Não
---	------------------------------

- Quais dados do formulário foram produzidos e/ou atualizados em campo?

Liste os itens do formulário para os quais houve produção de dados originais em campo. Ex.: Módulo Identificação e caracterização da língua de referência – 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas; Módulo Diagnóstico sociolinguístico – 1. Falantes; 2. Aquisição; 3. Transmissão.

Módulo 4. Identificação e caracterização da língua de referência Módulo 5. Diagnóstico sociolinguístico (completo) Módulo 6. Avaliação e vitalidade linguística, revitalização e promoção
---

- Com relação aos dados secundários, explique sumariamente:

Preencha com as informações requeridas.

Quais tipos de dados foram atualizados em campo?	Dados sobre os falantes e a situação da língua na comunidade
Para quais tipos de dados houve pouca ou nenhuma atualização?	Caracterização da língua e aspectos sociais e ecológicos da comunidade de referência.

### 5.2 Fonte das informações do formulário

Os itens a seguir servem para identificar o modo como o levantamento da população da comunidade e do número de falantes foi realizado e como os tipos de falantes foram definidos em cada pesquisa.

- Como foi feito o levantamento da população da comunidade?

Selecione uma das opções. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

<input checked="" type="checkbox"/> levantamento populacional total <input type="checkbox"/> estimativa por amostragens <input type="checkbox"/> estimativa por dados secundários <input type="checkbox"/> outros
Observações: Levantamento populacional total baseado em dados primários. Foi realizado o levantamento in loco de toda a população na T. I. Rio Mequens e esse levantamento foi

comparado com o levantamento demográfico dessa T.I fornecido pelo DSEI, de Rondônia, o qual contém o nome e a data de nascimento de todos os residentes das aldeias da Terra Indígena Rio Mequéns, habitada pelos Sakurabiat.

▪ Como o número de falantes foi obtido?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento ou estimativa no quadro de observações.

- levantamento populacional total
- estimativa por amostragens
- estimativa por dados secundários
- outros

Observações:

▪ Como foram aferidos os tipos de falantes?

Selecione uma das opções abaixo. Pode ser assinalada mais de uma alternativa. No caso da seleção da opção “outros”, pede-se que seja explicado brevemente o tipo de levantamento realizado para aferir tipos de falantes no quadro de observações.

- testes de proficiência
- autodeclaração
- pesquisador falante
- conhecimento geral de pessoa chave
- outros

Observações: Os Sakurabiat foram consultados sobre sua própria proficiência na língua; Houve consulta com pessoas chave sobre a proficiência de membros de determinada família, de acordo com a proximidade e conhecimento dos falantes. Todos os casos foram também aferidos e comparados com as observações da própria pesquisadora, que tem um bom conhecimento sobre os falantes da língua Sakurabiat.

### 5.3 Aprofundamento das informações

Listar as principais áreas do formulário que necessitam de aprofundamento de informações, referenciando o item do formulário correspondente. Neste espaço, os proponentes são convidados a fazer uma autocrítica e informar quais campos do formulário necessitam de pesquisas mais detalhadas e aprofundadas.

Item	Especificar necessidade de aprofundamento

## 6. Identificação da área de abrangência da pesquisa

Neste item, é identificada a área de abrangência da pesquisa, contemplando sua denominação, sua delimitação geográfica e sua abrangência em relação aos países, estados, municípios e Terras Indígenas (quando for o caso) que a compõem (consultar Seções 4 e 5 do Volume I do GUIA para questões sobre territorialidade e delimitação geodemográfica da pesquisa).

### 6.1. Nome para identificação da área de abrangência da pesquisa

Exemplos: “Território da Língua Guarani Mbya”; “Comunidade Pomerana do Espírito Santo”, etc.

Comunidade Linguística Sakurabiat
-----------------------------------

### 6.2 A área de abrangência da pesquisa foi escolhida com base:

Assinale a alternativa adequada.

<input type="checkbox"/> num recorte limitado das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
<input checked="" type="checkbox"/> na totalidade das localidades de ocorrência de uma única língua (inventário por língua)
<input type="checkbox"/> numa região com várias línguas (inventário regional)

### 6.3 Delimitação da abrangência da pesquisa

Identifique e nomeie países, estados, municípios, Terras Indígenas e Territórios Quilombolas (quando for o caso) abrangidos pela pesquisa em questão.

	Quantos?	Quais?
Países	1	Brasil
Estados	1	Rondônia
Municípios	1	Alto Alegre dos Parecis
Terras Indígenas	1	Terra Indígena Rio Mequéns
Territórios Quilombolas	0	

#### 6.4 Identificação das localidades de pesquisa

No quadro a seguir, utilize linhas diferentes para cada localidade dentro da área de abrangência da pesquisa. Informe o nome da localidade em português, se houve visita *in loco* pela pesquisa (ou seja, se houve trabalho de campo naquela localidade), as coordenadas geográficas correspondentes para cada localidade, a localização geográfica e as línguas faladas na localidade junto com o número **estimado** de falantes por língua [inventários amplos]. Utilize quantas linhas forem necessárias para acrescentar mais línguas.

**Quadro referente aos dados do levantamento sociolinguístico realizado em <sup>(telefone</sup> [redacted] e confirmado em 2019.**

O total de falantes plenos na tabela abaixo é de 13 pessoas porque como anteriormente, dois falantes plenos não moravam na T.I Rio Mequens. Um falante morava na T.I. Rio Branco e outro em uma das cidades próximas à T.I. Rio Mequens.

Nome da localidade	Visita <i>in loco</i> pela pesquisa?	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade	Línguas identificadas na localidade	Número de falantes por língua identificados pela pesquisa
T.I Rio Mequens - Aldeia 90	[ x ] sim [ ] não	12.64379025° S (Lat) 61.7297753262097° W (Long)	País: Brasil - Estado: Rondônia  Município: Alto Alegre dos Parecis	[ ] [ ] [ x ] [ ]	[ ] Unidade de conservação ambiental [ x ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Sakurabiati	05 (03 falantes plenos e 02 parciais) Aqui foi computado, entre os falantes plenos, o falante que se mudara para a cidade há pouco tempo.
						Português	15 falantes plenos
T.I Rio Mequens - Aldeia Mariano	[ x ] sim [ ] não	12.64379025° S (Lat) 61.7297753262097° W (Long)	País: Brasil - Estado: Rondônia  Município: Alto Alegre dos Parecis	[ ] [ ] [ x ] [ ]	[ ] Unidade de conservação ambiental [ x ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Sakurabiati	01 falante parcial
						Português	12 falantes plenos
T.I Rio Mequens - Aldeia Kwai	[ x ] sim [ ] não	12.64379025° S (Lat) 61.7297753262097° W (Long)	País: Brasil - Estado: Rondônia  Município: Alto Alegre	[ ] [ ] [ x ] [ ]	[ ] Unidade de conservação ambiental [ x ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Sakurabiati	02 falantes plenos
						Português	07 falantes plenos

			dos Parecis		especial		
T.I Rio Mequens - Aldeia Baixa Verde	[ x ] sim [ ] não	12.64379025° S (Lat) 61.7297753262097° W (Long)	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Alto Alegre dos Parecis	[ ] Urbano [ x ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ x ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Sakurabiati  Português	09 (06 falantes plenos e 03 parciais)  27 falantes plenos
T.I Rio Mequens - Aldeia Soopipari	[ x ] sim [ ] não	12.64379025° S (Lat) 61.7297753262097° W (Long)	País: Brasil Estado: Rondônia Município: Alto Alegre dos Parecis	[ ] Urbano [ x ] Rural	[ ] Unidade de conservação ambiental [ x ] Terra Indígena [ ] Território Quilombola [ ] Localidade de litígio fundiário [ ] Sem estatuto jurídico especial	Sakurabiati  Português	04 (02 falantes plenos e 02 parciais)  23 falantes plenos

➤ *Se houver interesse, preencha o formulário de cadastramento para as demais línguas que foram identificadas na área de abrangência de pesquisa, mas que não são objetos desse levantamento.*

### 6.5 Área(s) focal(is) da pesquisa

Se o inventário delimitou uma ou mais áreas focais de pesquisa, identifique-as no quadro abaixo (preencha um quadro para cada área focal delimitada pelo inventário).

Denominação da área focal	
Localidades circunscritas à área focal	
Motivações Por quais razões o inventário delimitou essa área focal? Que tipos de questões de	
Que tipos de pesquisa ela serviu para responder?	

### 6.6 Mapa(s)

Anexe / faça o upload de mapas que representem a área de abrangência da pesquisa

*Anexar arquivos ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)*

Mapa atualizado, com coordenadas, via googlemaps.

## Módulo 2

### Caracterização Territorial

Este módulo do formulário do INDL abrange a identificação dos lugares onde é falada a língua de referência, bem como a delimitação e caracterização do território dessa língua. Além das informações do formulário, as principais localidades de ocorrência da língua também devem ser objeto de documentação audiovisual através da produção de fotos e vídeos. Lembre-se de que a partir desse módulo, os proponentes dos inventários regionais deverão preencher um formulário para cada língua de referência.

#### 1. Identificação das localidades onde a língua é falada

Neste espaço, serão identificadas as localidades de ocorrência da língua de referência, dentro da área de abrangência da pesquisa, além daqueles onde a língua ocorre fora da área levantada pela pesquisa.

##### 1.1 Localidades de ocorrência da língua fora da área de abrangência da pesquisa

Assinale a opção adequada. Caso confirme a existência de localidades onde haja falantes da língua de referência fora da área de abrangência da pesquisa e tais localidades sejam conhecidas, preencha o quadro em 1.1.1 (somente preencha o quadro 1.1.1 se estiver seguro das informações fornecidas).

- Existem localidades onde há falantes da língua de referência, mas que estão fora da área de abrangência da pesquisa?

<input checked="" type="checkbox"/> Sim - segundo nosso levantamento, existem apenas 02 falantes de Sakurabiat, fora da T.I Rio Mequens	<input type="checkbox"/> Não
---	------------------------------

##### 1.1.1 Identificação de localidades de ocorrência da língua conhecidos fora da área de abrangência da pesquisa.

Nome da localidade em Português	Coordenadas Geográficas	Localização geográfica	Tipo do uso do solo	Estatuto jurídico da localidade
Município de Cacoal	_____ (Lat. (X)) _____ (Long. (Y))	País: Brasil Estado: RO Município: Cacoal	<input checked="" type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input checked="" type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial
Terra Indígena Rio Branco	2.15303565° (telefone anonimizado) (Long. )	País: Brasil Estado: RO Município: Ji-Paraná	<input checked="" type="checkbox"/> Urbano <input type="checkbox"/> Rural	<input type="checkbox"/> Unidade de conservação ambiental <input checked="" type="checkbox"/> Terra Indígena <input type="checkbox"/> Território Quilombola <input type="checkbox"/> Localidade de litígio fundiário <input type="checkbox"/> Sem estatuto jurídico especial

## 1.2 Localidades de ocorrência da língua na área de abrangência da pesquisa

Preenchimento automático da(s) localidade(s) de ocorrência da língua de referência conforme listados no Item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa (para a versão impressa, copie e cole na tabela abaixo as localidades onde foi identificada a língua de referência). Para inventários amplos, solicita-se o preenchimento do nome de cada localidade na língua de referência (quando houver).

Selecione, no espaço apropriado, as localidades que fazem parte da área correspondente à **comunidade de referência** da língua. Se a pesquisa não fez uma distinção entre comunidade linguística e comunidade de referência, todas as localidades deverão ser selecionadas. Compreende-se a comunidade de referência como os grupos sociais com os quais o inventário teve maior interação, resultando em ações de mobilização social e produção de conhecimentos mais consistentes. Conferir Volume I, seção 4, do Volume, para obter maiores detalhes sobre essas noções.

Nome da localidade em Português	
Terra indígena Rio Mequens (aldeias 90, Mariano, Baixa Verde, Soopipari e Kwai)	
Faz parte da área ocupada pela comunidade de referência da língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
Você considera que a língua está em risco nessa localidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não

## 2. Caracterização do território da língua

### 2.1 Padrão de distribuição geográfica das localidades de ocorrência da língua

- Com relação à população falante da língua

Marque no quadro abaixo a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência.

- |   |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> Concentrada em uma área geográfica<br><input type="checkbox"/> Dispersa em áreas geográficas descontínuas |
|---|

- Com relação ao padrão de residência em locais urbanos

Para cada linha, marque a opção adequada com relação à distribuição geográfica dos falantes da língua de referência em relação aos espaços rurais e urbanos.

- |   |
|---|
| <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade linguística é <b>majoritariamente rural</b> e há <b>poucos falantes</b> em áreas urbanas |
| <input type="checkbox"/> A comunidade linguística é <b>majoritariamente rural</b> , mas há <b>muitos falantes</b> em áreas urbanas        |
| <input type="checkbox"/> A comunidade linguística é majoritariamente urbana   |
| <input type="checkbox"/> Há um movimento crescente de migração dos falantes para áreas urbanas  |
| <input checked="" type="checkbox"/> Não há movimentos significativos de migração dos falantes para áreas urbanas                          |

## 2.2. Caracterização da área da comunidade de referência da língua

Para todas as localidades na área da comunidade de referência, preencha as informações do quadro abaixo. Utilize um quadro para cada localidade. Utilize o mesmo nome para a localidade que foi utilizado no quadro 6.4 do módulo de identificação da pesquisa.

<b>Nome da Localidade</b>	Terra indígena Rio Mequens - Aldeias 90, Mariano, Baixa Verde, Soopipari e Kwai)
<b>Demografia</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a proporção do número de falantes vs. de não falantes (incluindo os que não se identificam com a língua de referência)	<input type="checkbox"/> População de falantes da língua é majoritária <input checked="" type="checkbox"/> População de falantes da língua é minoritária <input type="checkbox"/> População de falantes e não falantes é equilibrada ( $\pm$ 50% para cada)
<b>Temporalidade</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre o tempo em que a comunidade linguística da língua de referência vive nesta localidade	<input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 50 anos e mais de 25 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 75 anos e mais de 50 anos <input type="checkbox"/> A comunidade reside há menos de 100 anos e mais que 75 anos <input checked="" type="checkbox"/> A comunidade reside há mais de 100 anos
<b>Infraestrutura</b> Marque um "x" nas respostas ao lado (pode escolher mais de uma). Não responda se a localidade for urbana.	<input checked="" type="checkbox"/> Possui rede de eletricidade <input type="checkbox"/> Possui atendimento permanente de saúde <input checked="" type="checkbox"/> Fácil acesso por meios de transporte a centros urbanos
<b>Economia</b> Marque um "x" na resposta apropriada ao lado sobre a fonte de renda/recursos das pessoas que vivem nesta localidade	<input type="checkbox"/> A população depende basicamente de recursos e/ou empregos locais <input checked="" type="checkbox"/> A população depende largamente de fontes de renda oriundas de outros locais
<b>Observações:</b> Com relação ao quesito Temporalidade, a TI Rio Mequens foi homologada somente em 1996, mas está localizada na área de residência tradicional do povo Sakurabiat, desde tempos imemoriais. Dentro da T.I, as aldeias são formadas e reagrupadas, conforme as necessidades e interesses da população, mas todas se mantêm dentro da T.I. Rio Mequens. Quanto ao quesito Infraestrutura, com relação ao atendimento de saúde, existe somente um posto indígena na Aldeia Baixa Verde, nesse posto fica sediada uma enfermeira que presta atendimento a aldeia Baixa Verde e á aldeia Soopipari. Para o atendimento às outras 3 aldeias, há somente uma Agente de Saúde Indígena, que mora na Aldeia 90, mas não há posto de saúde, nem atendimento permanente, exceto o acompanhamento dessa Agente de saúde, que presta atendimento a aldeia 90, aldeia mariano e aldeia kwai, as 3 três aldeias mais próximas entre si. O Acesso a transporte depende de recursos financeiros para pagar frete de carro. No quesito Economia, a população recebe benefícios sociais (tais como Bolsa Família, auxílio maternidade e aposentadoria rural). Apenas duas pessoas são contratadas com salários do governo estadual: 01 agente de saúde indígena (residente na aldeia 90 ) e 01 professora (residente na aldeia Baixa Verde). Os jovens adultos do sexo masculino, em sua maioria, realizam trabalhos nas vizinhanças, para fazendeiros, madeireiros etc.	

### 2.2.1 Síntese das características da área da comunidade de referência da língua

Sintetizar as características sociais, culturais, geográficas, ecológicas e econômicas da área ocupada pela comunidade de referência da língua para a pesquisa. Ressalte quaisquer fatores de ameaça que possam colocar em risco os grupos sociais que vivem na área pesquisada. Caracterize as localidades de forma apropriada, buscando ressaltar as semelhanças e diferenças entre elas. Se área de pesquisa for muito diversificada, caracterize essa diversidade.

#### Características sociais

A diversificação em aldeias distintas, cada uma com seu chefe ou cacique é relativamente recente. Em tempos antigos havia apenas uma liderança unificada. O último cacique considerado o cacique de toda etnia foi Daosmar Sakyrabiar, conhecido como Damião, que foi assassinado no ano de 2006. Atualmente as cinco aldeias Sakurabiat na T.I. Rio Mequens possuem cada uma seu próprio líder/cacique. Elas são formadas por distintos grupos familiares aparentados de forma bastante próxima entre si. A aldeia 90 (sendo renomeada para Aipere Koopi) é a aldeia mais antiga. É composta por 02 famílias/residências: a família do cacique Olimpio F. Sakyrabiar, que reside com seus filhos solteiros, e a família de AGI Lidia Sakyrabiar, filha mais velha de Olímpio. Olímpio Sakyrabiar assumiu a função de cacique geral, após o assassinato do cacique Daosmar, que era seu irmão mais velho, porém atualmente, há lideranças em cada uma das cinco aldeias, as quais são reconhecidas tanto internamente quanto de certa forma também pelos agentes externos, incluindo os órgãos públicos.

A 2ª aldeia, em termos de temporalidade, é a aldeia Baixa Verde, cujo cacique é Geraldinho Guaratira. Ela foi fundada no início dos anos 2000, pela família de D. Mercedes Guaratira e alguns de seus filhos, incluindo o cacique Geraldinho. É composta atualmente por 08 famílias/residências, sendo todos, a exceção de 01 família, irmãos e/ou sobrinhos do cacique Geraldinho, com seus respectivos cônjuges e filhos.

Nos últimos 05 a 10 anos, outros 03 grupos residenciais foram formados e adquiriram o status de aldeias, com suas lideranças próprias. A aldeia Mariano dista poucos quilômetros da aldeia 90 e costumava ser considerada parte dessa aldeia. Atualmente é constituída por 04 famílias/residências, organizadas em torno da matriarca, Nair Sakyrabiar, e lideradas pelo seu filho cacique Joãozinho Sakyrabiar. Todas as famílias são formadas por filhos/filhas da matriarca Nair e seus respectivos cônjuges e filhos.

A aldeia Soopipari foi formada pela família de Rosalina Guaratira Sakyrabiar, irmã de Geraldinho Guaratira, que se mudou da aldeia Baixa verde e montou um novo núcleo, próximo a um dos limites da T.I Esta aldeia é liderada pelo cacique Adelino Sakyrabiar, esposo de Rosalina, e formado por 05 famílias/residências, todos encabeçados por filhos/filhas de Adelino e seus respectivos cônjuges e filhos.

A aldeia Kwai foi formada mais recentemente, por uma família de dois irmãos, Moacir Mariano e Manoel Mariano, ambos se mudaram da aldeia 90 e formaram esse novo núcleo familiar/aldeia próximo aos limites da T.I na direção das fazendas conhecida como 07 de setembro, onde há uma família de indígenas Sakyrabiar, que residem há muitos anos.

### Características geográficas

Os Sakurabiat habitam a Terra Indígena Rio Mequens, demarcada em 1996. A TI possui uma extensão de 105.250 hectares e está localizada no município de Alto Alegre dos Parecis, estado de Rondônia.

### Características ecológicas

Área de floresta, as aldeias são geralmente localizadas próximas às cabeceiras ou a braços estreitos dos rios e no alto das serras. A disponibilidade de caça e pesca vem diminuindo ao longo dos anos.

### Econômicas

Os Sakurabiat são agricultores. Os principais cultivos são diversas qualidades de macaxeira, milho e cará. Em suas roças, também plantam árvores frutíferas como mamão, abacaxi, banana. A produção é voltada para o consumo interno. Porém algumas famílias na aldeia Baixa Verde estão produzindo café para comercializar, e a família de Olimpio estava produzindo banana também para tentar comercializar.

As principais fontes de renda são os benefícios das aposentadorias rurais. Como mencionado anteriormente, há uma professora contratada na aldeia Baixa Verde e uma Agente de Saúde Indígena contratada na aldeia 90 (Aipere koopi).

Nas aldeias Baixa Verde e Soopipari os caciques alugam pasto para os fazendeiros vizinhos. Há notícias também de exploração de venda de madeira ou lascas de madeira, em todas as aldeias, exceto na aldeia Kwai. Os rapazes mais jovens costumam trabalhar esporadicamente nas fazendas vizinhas ou para os madeireiros que exploram os recursos da área indígena.

### Semelhanças e diferenças sociolinguísticas marcantes entre as localidades de ocorrência da língua

Em todas as cinco aldeias, o Português é a língua de uso regular por todos da comunidade. Na aldeia 90 (Aipere koopi), a língua Sakurabiat só era utilizada como meio de comunicação entre o cacique Olímpio e sua mãe; na aldeia Baixa Verde, para conversa entre o cacique e seus irmãos, quando estes se encontram em momentos específicos. Na aldeia Kwai, também havia uso da língua Sakurabiat, entre os irmãos Moacir e Manoel Mariano. Na aldeia Soopipari há possibilidade de uso da língua como meio de comunicação entre Rosalina e seus filhos, porém o português é a língua mais usual, embora haja tentativa de ensino de Sakurabiat por iniciativa de Rosalina, tanto para os filhos quanto para o esposo, o cacique Adelino, que já pode ser considerado falante parcial da língua. Na aldeia Mariano não há falante pleno da língua.

Apesar da situação de vulnerabilidade em que a língua se encontra e do número populacional reduzido, bem como do pequeno número de falantes, a comunidade Sakurabiat ainda preserva

algumas variedades dialetais. Foram identificadas três variedades linguísticas: Guaratira, Siokweriat e Sakurabiat, sendo que esta última variedade inclui os dialetos dos subgrupos étnicos Sakurabiat e Korategaya. A variedade Guaratira é falada nas aldeias Baixa Verde e Soopipari, pelos filhos da falecida matriarca Mercedes Guaratira. A variedade Sakurabiat é falada na aldeia 90 e também na aldeia Kwai. A variedade Siokweriat é representada por um único membro – o indígena Sakurabiat que mora na T.I Rio Branco – e sua fala é mais próxima da variedade Guaratira do que da variedade Sakurabiat (GALÚCIO, 2001). Esse senhor se autoidentificava como pertencente à etnia Sakurabiat (do clã ou subgrupo dos Siokweriat), mas desde que passou a residir na T.I Rio Branco (RO), com a família de seu irmão já falecido, passou a ser identificado como pertencente à etnia Kampé, que é a etnia da família de seu irmão. A sua variante de fala passou, então, a ser referida como sendo Kampé. Enquanto escrevamos este relatório (janeiro/2021), tivemos notícia de seu falecimento, no dia 17 de janeiro de 2021.

Em todas as aldeias da T.I. Rio Mequens, há falantes parciais da língua, ou seja, pessoas que compreendem a língua, mas não conseguem responder ou estabelecer um diálogo nela, totalizando 10 pessoas assim autoidentificadas. O restante das pessoas conhece itens lexicais da fauna e flora, palavras específicas do uso cotidiano e relações próximas de parentesco, mas não compreendem uma conversa na língua.

Todos os Sakurabiat a partir de dois anos de idade são falantes de português.

#### Síntese das situações de risco para a comunidade linguística e a língua

A língua dos Sakurabiat encontra-se criticamente ameaçada de desaparecer devido a vários fatores. A situação de perda linguística vivenciada pelos Sakurabiat vem se constituindo há algumas décadas e atualmente há uma situação de alta vulnerabilidade e pouca vitalidade da língua. Os Sakurabiat constituem hoje um grupo bastante reduzido, embora estejam distribuídos em cinco pequenas aldeias, eles totalizam menos de 100 pessoas vivendo atualmente na T.I. Rio Mequens. O processo de perda e mudança linguística no caso dos Sakurabiat foi relativamente gradual e envolveu fatores sociolinguísticos já conhecidos na literatura, como redução populacional (devido, sobretudo, a doenças), marginalização e repressão, espaço de uso reduzido, quebra na cadeia de transmissão. Todo esse contexto resulta em número reduzido de falantes e concentração desses falantes entre pessoas com idades avançadas. Há mais de duas décadas a língua não tem sido transmitida/ensinada para as gerações mais novas.

### 2.3 Dados do acervo digital sobre as localidades

Utilize este item para anexar / fazer o upload de arquivos que caracterizem as localidades de ocorrência da língua: fotos, vídeos, mapas de cada localidade, croquis, etc. Para cada upload, é necessário informar do nome da localidade, utilizando o mesmo padrão de apresentação das localidades no item 6.4 do Módulo de Identificação da Pesquisa.

Nome do local	Anexar/ Fazer Upload de dados do acervo digital sobre as localidades
T. I. Rio Mequens	Croqui de 4 aldeias (90, Mariano, Baixa Verde e Soopipari). A aldeia Kwai era constituída por apenas uma casa. Fotos do contexto das aldeias.

### 2.4 Mapa(s) de distribuição geográfica da língua

Apresente um ou mais mapas (esboço, croqui, etc) que represente(m) a distribuição geográfica da língua.

*Anexar arquivo(s) ao formulário impresso / Fazer upload de arquivo(s)*

Como informado, todos os falantes, à exceção de 2, residiam na T.I. Rio Mequens, já identificada por mapas e croquis listados em itens anteriores.

# Módulo 3

## Comunidade Linguística

### 1. Identificação da comunidade linguística

A comunidade linguística pode ser classificada como:

Selecione a classificação adequada para a comunidade linguística.

<input checked="" type="checkbox"/> Indígena	Sakurabiat
<input type="checkbox"/> De imigração	→ Identificar país/região de origem
<input type="checkbox"/> Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Outra. Explique	
<input type="checkbox"/> Não-especificada	

### 2. População da comunidade linguística

#### 2.1 População identificada na pesquisa (comunidade de referência)

Informe, em números absolutos, a população de indivíduos da comunidade de referência identificada pela pesquisa.

A população de indivíduos da comunidade de referência totalizava em julho de 2019, 89 pessoas, distribuídas da seguinte forma: 83 indígenas Sakurabiat e 06 não indígenas (05 homens e 01 mulher) casados com indígenas Sakurabiat (dados de 2016 e 2017, atualizados em 2019). Essa população está distribuída em 05 aldeias: aldeia 90, atualmente sendo renomeada para Aipere Koopi; aldeia Mariano (também conhecida como aldeia do Joãozinho); aldeia Baixa Verde; aldeia Soopipari e a aldeia Kwai. Inclui ainda duas famílias que moram nas proximidades da Terra Indígena, mas não propriamente dentro da T.I.: são mulheres indígenas da etnia Sakurabiat, casadas com não indígenas, e seus filhos.

#### 2.2 Estimativa da população total

Informe, em números absolutos, a(s) estimativa(s) do total de indivíduos da comunidade linguística (da própria pesquisa e/ou outras pesquisas disponíveis).

Além das 89 pessoas referidas no item 2.1 acima, algumas famílias moram na T.I. Rio Branco, e algumas famílias moram em áreas urbanas, nos municípios de Pimenta Bueno, Cacoal, Vilhena, São Felipe. Há também informações sobre famílias da etnia Sakurabiat que residem na localidade de Porto Rolim de Moura do Guaporé, povoado às margens do rio Mequéns, onde vive também um grupo de pessoas do povo Wajuru. Segundo as informações disponíveis, exceto por um homem que mudou-se para um desses centros urbanos há alguns anos, após uma violenta briga na aldeia que resultou na morte de outro

indígena, e do ancião que reside na T.I. Rio Branco, não há falantes da língua entre as pessoas que moram fora da T.I. Rio Mequens.

Na Terra Indígena Rio Branco, vive o povo Kampé, que é constituído por uma população de aproximadamente 60 pessoas, entre os quais se incluía o último falante da variedade Siokweriat (referida nos últimos anos por Kampé). Considerando a relação de parentesco entre os Kampé e os Sakurabiat, e o fato de Sr. Pedro Sakurabiat (ou Pedro Kampé) falar uma variante da língua Sakurabiat, a população Kampé é também incluída na estimativa de população total da comunidade linguística.

### 3. Caracterização da comunidade linguística

Para cada um dos subitens, produza um texto dissertativo que caracterize a comunidade linguística, com base nas questões propostas.

#### 3.1 Histórico

Sintetize o contexto histórico da comunidade linguística, ressaltando os seguintes aspectos: **deslocamento geográfico** dos falantes (seu território atual e passado); eventos históricos que levaram os falantes a terem **contato com outras línguas**, além de outros aspectos e situações considerados pertinentes para este campo.

As primeiras notas sobre o contato entre não-índios e os povos indígenas que ocupavam a margem direita do rio Guaporé remontam ao século XVII. Os anciãos relatam que antes do contato com não indígenas, havia contatos amistosos e também bélicos com outros grupos da região, como os Tupari e os Makurap.

Os contatos entre os povos indígenas da região do Guaporé e os colonizadores passaram a ser retomados a partir do final da década de 1930 e início da década de 1940, período em que aumentou a indústria de extração de borracha e caucho. Com a exploração da borracha e do caucho, muitos seringueiros passaram a ocupar as áreas próximas aos tributários do rio Guaporé e entraram em conflito com os povos indígenas daquela região, incluindo os atuais Sakurabiat, os quais foram fortemente afetados.

Muitas famílias foram forçadas a abandonarem seus territórios/aldeias e acabaram vivendo nos barracões de seringa, cooptados para o trabalho de extração da borracha. Os remanescentes dos quatro subgrupos étnicos reunidos sobre a autodenominação Sakurabiat, que vivem atualmente na TI Rio Mequéns relatam que os não indígenas chegaram na região em que moravam tradicionalmente em meados da década de 1930.

Relatam ainda que os vários subgrupos da hoje autodenominada sociedade Sakurabiat sofreram uma violenta redução populacional após a chegada de um boliviano (algumas vezes também identificado como sendo peruano) chamado Magipo, que se instalou na região do rio Mequéns, explorando a extração de borracha, inclusive utilizando mão-de-obra indígena. Nessa época, os anciãos relatam que foram obrigados a falar português e proibidos de falar na língua indígena.

Segundo relatos dos anciãos da comunidade, o grupo foi afetado por várias epidemias de doenças, como sarampo e gripe, provocando uma acelerada depopulação. Eles contam que

havia várias aldeias, cada uma com uma população que variava de 40 a 200 pessoas, e que essas aldeias foram sendo sistematicamente abandonadas à medida que as pessoas pereciam devido às 'doenças de kwerep (branco)'. O grupo total seria formado nessa época por milhares de pessoas, pertencentes a vários subgrupos. Em 1934, o etnólogo Emil Snethlage (Snethlage, 1937) visitou várias sociedades indígenas da bacia do rio Guaporé e encontrou as aldeias dos atuais Sakurabiat e menciona dois dos subgrupos étnicos, os Guarategaja (Korategayat) e os Amniapé (mãpi-apeyat). As aldeias estavam localizadas próximas às cabeceiras do rio Mequéns, e segundo seus relatos apresentavam uma população total de aproximadamente 500 pessoas.

Na década de 1940, houve uma tentativa, que não logrou muito sucesso, do Serviço de Proteção ao Índio (SPI) de reunir os povos indígenas que habitavam a área dos rios Guaporé, Corumbiara, Colorado e Mequéns, em Postos Indígenas de Atração (PIA), especialmente o PIA Ricardo Franco e o PIA Ministro Pedro de Toledo. Entretanto, os PIAs nunca funcionaram como planejado e os povos indígenas, quando podiam, preferiam permanecer em seus territórios, embora vários deles, incluindo alguns Sakurabiat, tenham ido morar nos PIAs. Por volta de 1949, o próprio SPI reconhece a ineficácia do PIA Ministro Pedro de Toledo. Em decorrência disso, os Sakurabiat (Mekens) e outros povos indígenas da região deixaram de receber qualquer apoio ou orientação dos órgãos governamentais, conforme relatado pelos anciãos da comunidade e por Leonel Jr. (1985). Informações mais significativas sobre o período de 1949 a 1982 não foram localizadas.

No ano de 1982, funcionários da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) - órgão indigenista que substituiu o SPI a partir de 1967 - visitaram a atual área da TI Rio Mequéns, onde viviam em grandes dificuldades, na época, os Sakurabiat e algumas famílias Makurap, porém nenhum apoio mais específico por parte do órgão federal resultou dessa visita. Somente em 1983, após um surto de doença, provavelmente sarampo, que dizimou cerca de 30 pessoas, foi re-estabelecido um contato mais estreito com a FUNAI.

Em 1985, a FUNAI organizou um grupo de trabalho para investigar a situação real dos moradores da área hoje demarcada e seus direitos como população nativa e habitante imemorial da região. Foi constatado que naquele ano havia cinco grandes grupos corporativos, incluindo serrarias e fazendas, explorando ilegalmente o comércio de madeira dentro da área indígena e tentando apropriar-se da terra pertencente à atual TI Rio Mequéns (Leonel Jr 1985). Os Sakurabiat não trabalhavam nessa época diretamente para as serrarias, mas tinham seu território ocupado e sofriam restrição de acesso a algumas áreas ocupadas.

A partir das informações históricas e etnográficas e de documentos de origem governamental, o grupo de trabalho confirmou a presença imemorial dos Sakurabiat e Makurap na região e recomendou a imediata demarcação da terra indígena. Após muita resistência dos invasores e muita luta dos Sakurabiat, em 1996, a TI Rio Mequéns foi demarcada e homologada, com uma área de 105.250 hectares, bem inferior ao tamanho originalmente demandado pelos Sakurabiat.

A língua tradicional dos Sakurabiat, a partir desse histórico de contato, tem perdido prestígio e espaço para a língua portuguesa. Nas últimas duas décadas, embora haja sempre a vontade expressa de reforçar o uso da língua tradicional e de ensiná-la aos jovens e às crianças, isso

não chega a ser implementado, resultando na atual situação de vulnerabilidade da língua, relatado nas seções anteriores. Na década de 1990, a língua Sakurabiat contava com 23-25 falantes fluentes e já havia uma ruptura na transmissão. Naquela época as crianças já não aprendiam Sakurabiat, houve apenas duas exceções, um casal de crianças, hoje adultas, que haviam sido criadas na mesma residência com sua avó e aprendido com ela a falar Sakurabiat (Galucio, 2001). O número de falantes reduziu em 50% desde então. Além de não ter havido transmissão intergeracional por mais de três décadas, houve um alto número de mortes (tanto em decorrência de fatores naturais quanto de homicídios) de idosos e outros falantes adultos de Sakurabiat.

### 3.2 Presente

Faça uma síntese sobre a comunidade linguística atualmente, procurando responder às seguintes questões: quem são os falantes da língua de referência? O que os caracteriza em termos sociais e culturais? Como se dá sua relação com grupos sociais vizinhos e com a sociedade brasileira e de países vizinhos como um todo?

Os Sakurabiat são um povo agricultor, caçador. Tradicionalmente produzem a bebida de macaxeira doce e azeda (conhecida regionalmente como Chicha), que caracteriza vários grupos da região do Guaporé. Vários desses grupos, incluindo os Sakurabiat, fazem parte de um complexo cultural, descrito como o complexo cultural do marico (Maldi, 1991), nomeado em função da bolsa tradicional, tecida com fio da palha de tucum, conhecida regionalmente como marico. A principal unidade de produção e consumo é o grupo doméstico, geralmente formado por um pai e seus filhos/filhas casados e suas filhas e filhos solteiros.

O contato com os não indígenas é regular. As aldeias não são distante das localidades não indígenas, que são constantemente frequentadas. As pessoas vão para as localidades de cidades mais próximas para fazer compras, sacar os benefícios sociais e os salários, ter atendimento médico e passear. As crianças em idade escolar de todas as aldeias saem diariamente para frequentar a escola nas localidades mais próximas das respectivas aldeias, a Vila Bosco, no caso das aldeias 90 (Aipere Koopi) e Mariano e localidade Flor da Serra, no caso das aldeias Soopipari e Baixa Verde. Apenas as turmas de ensino fundamental (1º ao 3º ano) são ministradas pela professora indígena na escola da aldeia Baixa Verde.

A situação de perda e mudança linguística entre os Sakurabiat resultou que duas gerações de crianças não aprenderam a língua tradicional do grupo. Português é falado por todos os Sakurabiat e é a primeira e única língua de todas as crianças nascidas na T. I. Rio Mequens, pelo menos desde o início da década de 1990, e da maioria da população. Em levantamento realizado por nós em (telefone anonimizado), havia 15 falantes fluentes (plenos) de Sakurabiat e 10 falantes parciais, pessoas que compreendem sentenças, mas não conseguem estabelecer um diálogo na língua. Desde então, houve uma redução para 12 falantes fluentes e 09 falantes parciais, devido ao falecimento de 04 pessoas.

A situação sociolinguística vivenciada na T. I. Rio Mequens pode ser caracterizada como tendo a língua Sakurabiat ao mesmo tempo como segunda língua (L2) e língua de herança para a comunidade (Costa, 2020). O Português é a primeira língua aprendida por todos e usada como língua de comunicação, enquanto o Sakurabiat é apenas parcialmente compreendido e seu

conhecimento limitado a determinados itens do vocabulário e/ou expressões.

Os jovens, entre os quais se encontram os professores que estão capitaneando as tentativas de resgate cultural, possuem certa compreensão passiva da língua e conhecem um vocabulário reduzido, tais como itens relativos a fauna e flora comum na região, utensílios e outros termos do cotidiano, itens referentes a relações próximas de parentesco etc. Parte desse conhecimento também é compartilhado pelas crianças, em maior ou menor escala. Em todas as famílias existe ao menos um falante de Sakurabiat, seja o pai, a mãe, avô e/ou avó. A língua Sakurabiat é, assim, vista por todos como a língua do povo, a língua de pertencimento étnico da comunidade.

Um dos efeitos do levantamento foi o estímulo na vontade de jovens em aprender a língua, e ensinar para os filhos pequenos. Essa motivação parece ganhar força, com o trabalho de 3 jovens que fizeram o curso de formação de professores indígenas ( [telefone anonimizado] ) e de outros jovens adultos da comunidade, por exemplo a Agente de saúde indígena , que manifestam o interesse em conhecer mais da língua tradicional do povo. Os produtos de documentação linguística produzidos durante anos de pesquisa pela coordenadora deste levantamento têm sido cada vez mais requisitados, para serem copiados em pendrives e transferidos para o celular, a fim de que possam escutar, especialmente as músicas, as histórias, na língua Sakurabiat.

## Módulo 4

# Identificação e Caracterização da Língua de Referência

## 1. Denominações

Em cada um dos quadros, inclua as denominações correspondentes para a língua e observações dessas nomeações (caso haja). É interessante que os proponentes dos inventários utilizem-se dos quadros de observações para fazer análises mais detalhadas sobre essas nomeações, discutindo possíveis traduções para os termos, explicando etimologias, identificando termos pejorativos, etc. Compreende-se por **autodenominações** aquelas que a comunidade linguística usualmente utiliza para se referir à língua de referência, o que pode ser diferente da denominação do grupo social. Em **heterônimos** estão contemplados nomes dados por pessoas de fora da comunidade: outros grupos, nomeação acadêmica, etc. As **denominações de ampla circulação** (ou seja, os termos mais comuns usados na sociedade para se referir à língua ou ao grupo social de falantes) e para inclusão no INDL (a ser definida em conjunto com a comunidade) podem coincidir desde que assim deliberado pela comunidade linguística e pelas equipes executoras dos inventários. Em geral, ambas também serão encontradas entre os termos de autodenominação ou heterônimos (consultar Parte 2, seção 3, para mais orientações sobre essa temática).

Autodenominações	Sakurabiat
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	A palavra sakurabiat significa literalmente “o grupo dos macacos-prego”, composta morfologicamente por <i>sakurap</i> ‘macaco-prego’ + <i>iat</i> ‘coletivo; plural’. Sakurabiat é um dos vários subgrupos ou clãs que constituem a etnia Sakurabiat. A grafia do nome SAKURABIAT segue o alfabeto da língua (Galucio, 2006) no qual o grafema <u> representa a vogal central alta não arredondada [i]. Outras grafias encontradas especialmente em documentos de identidade oficiais são: Sakyrabiar, Sakirabiá.

Heterônimos	Mekens
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, entre outros.</i>	Na literatura acadêmica também podemos encontrar o nome Mekens fazendo referência à língua e ao grupo Sakurabiat (GALÚCIO, 1994). O termo Mekens foi uma denominação geral atribuída a grupos indígenas diferentes que viviam na região do rio Mequens.

Denominação/denominações de ampla circulação, ou seja, nome(s) pelo(s) qual/quais a língua é mais conhecida Poderá repetir denominações dos campos anteriores	Sakurabiat
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	Atualmente o termo Sakurabiat é usado como autodenominação da etnia e da língua tradicional do povo. Passou a ser usado amplamente, em publicações sobre o povo e a língua, a partir dos trabalhos de Galucio (2006) que incluem a explicação para o sistema de escrita na língua.

Denominação utilizada neste formulário e que foi aprovada por um corpo representativo da comunidade linguística Poderá repetir denominações dos campos anteriores.	Sakurabiat
Justificativa	Atualmente o termo Sakurabiat é usado como autodenominação da etnia e da língua tradicional do povo. E a ortografia defendida e explicada em Galucio (2006) é a ortografia adotada na comunidade.
Observações <i>Caracterizar os significados: traduzir, explicar etimologias, identificar termos pejorativos, etc.</i>	Essa é a autodenominação corrente, já amplamente difundida por isso foi adotada no INDL.

## 2. Modalidade da língua

Selecione a opção adequada. As duas modalidades para a classificação das línguas de acordo com sua modalidade: Oral-auditiva – para as línguas cuja transmissão se dá primariamente a partir da oralidade, ou seja, pela comunicação verbal, e Visuo-espacial – cuja transmissão se dá a partir de sinais manuais e não-manuais, tais como expressões faciais e corporais.

<input checked="" type="checkbox"/> modalidade oral-auditiva
<input type="checkbox"/> modalidade visuo-espacial

## 3. Historicidade

### 3.1 A língua é falada no território nacional há pelo menos três gerações?

Selecione a opção adequada. Caso a resposta seja não, explique o histórico da presença da língua em território nacional.

<input checked="" type="checkbox"/> sim <input type="checkbox"/> não
Observações:

### 3.2 Indique os marcos temporais que caracterizam a história da comunidade linguística

Os marcos temporais podem ser provenientes da história oral do grupo e/ou de documentação histórica. É importante que os inventários sejam explícitos sobre a fonte e natureza desses marcos. Os marcos temporais podem ser identificados por tópicos ou por um texto corrido, destacando os marcos temporais principais.

As primeiras notas sobre o contato entre não-índios e os povos indígenas que ocupavam a margem direita do rio Guaporé remontam ao século XVII. Os documentos portugueses fazem ampla referência a dois grupos dessa região: os Guajaratas (Pauserna, Tupi cf. Métraux 1948) e os Mequéns. O arqueólogo Eurico Miller (1983) sugere, a partir de dados arqueológicos e históricos, que os índios chamados Mequéns no século XVII eram os Amniapa (Amniapé ou Mapi apeyat) e os Guarategaja (Korategayat), que são reconhecidos atualmente como subgrupos da etnia Sakurabiat. Já no século XX, a mesma denominação (Mequéns, Mekens) foi estendida, além dos Amniapé (Mapi-apeyat) e Guarategaja (Korategayat), aos Guaratira e Sakurabiat, e todos os demais grupos relacionados linguística e culturalmente, ou seja, aos subgrupos ou clãs conhecidos dos atuais Sakurabiat.

Os anciãos relatam que antes do contato com não indígenas, havia contatos amistosos e também bélicos com outros grupos da região, como os Tupari e os Makurap.

Os contatos entre os povos indígenas da região do Guaporé e os colonizadores passaram a ser retomados a partir do final da década de 1930 e início da década de 1940, quando o desenrolar da Segunda Guerra Mundial provocou um aumento na demanda por borracha. Com a exploração da borracha e do caucho, muitos seringueiros passaram a ocupar as áreas próximas aos tributários do rio Guaporé e entraram em conflito com os povos indígenas daquela região, incluindo os atuais Sakurabiat, os quais foram fortemente afetados.

Muitas famílias foram forçadas a abandonarem seus territórios/aldeias e acabaram vivendo nos barracões de seringa, cooptados para o trabalho de extração da borracha. Os remanescentes dos quatro subgrupos étnicos reunidos sobre a autodenominação Sakurabiat, que vivem atualmente na TI Rio Mequéns relatam que os não indígenas chegaram na região em que moravam tradicionalmente os Sakurabiat em meados da década de 1930. Segundo relatos dos anciãos, os vários subgrupos da hoje autodenominada sociedade Sakurabiat sofreram uma violenta redução populacional após a chegada de um boliviano (algumas vezes também identificado como sendo peruano) chamado Magipo, que se instalou na região do rio Mequéns para explorar a extração de borracha, inclusive utilizando mão-de-obra indígena.

O grupo total seria formado nessa época por milhares de pessoas, pertencentes a vários subgrupos. Em 1934, o etnólogo Emil Snethlage (Snethlage, 1937) visitou várias sociedades indígenas da bacia do rio Guaporé e encontrou as aldeias dos atuais Sakurabiat. Ele identificou dois subgrupos Guarategaja (Korategayat) e Amniapé (mãpi-apeyat) próximas às cabeceiras do rio Mequéns, que foram registradas por ele como apresentando uma população de aproximadamente 500 pessoas no total.

Segundo relatos dos anciãos da comunidade, o grupo foi afetado por várias epidemias de doenças, como sarampo e gripe, provocando uma acelerada depopulação. Eles contam que havia várias aldeias, com uma população que variava de 40 a 200 pessoas, que foram sendo sistematicamente abandonadas à medida que as pessoas pereciam devido às 'doenças de



## 4. Classificações da língua

Selecione a opção adequada e preencha com as informações requeridas. As línguas deverão ser classificadas em: Afro-brasileira, Crioula (nesses dois casos indicar também as línguas que lhes deram origem), Língua isolada (quando não há línguas aparentadas vivas ou documentadas historicamente) ou ainda através de seu Tronco (se houver) e Família Linguística (é o caso da maior parte das línguas indígenas brasileiras assim como das línguas de imigração). Para mais orientações, consultar a Parte 2, seção 4.

<input type="checkbox"/> Língua Afro-brasileira	
<input type="checkbox"/> Crioula	
Indicar as línguas que lhe deram origem:	

<input type="checkbox"/> Língua isolada
---

<input checked="" type="checkbox"/> Tronco (se houver)	Tupi
<input checked="" type="checkbox"/> Família Linguística	Família linguística Tupari
Observação/caracterização adicional: <i>Listar as línguas geneticamente mais próximas</i>	Atualmente, em publicações mais recentes, alguns linguistas, incluindo Galucio, têm optado por se referir à família Tupi, em vez de tronco Tupi, e referir aos ramos internos da família. Assim a língua Sakurabiat pertence ao ramo Tupari da família Tupi. As outras línguas geneticamente mais próximas, ou seja, as outras línguas do ramo Tupari são: Akuntsu, Makurap, Tupari e Wayoró.
Observações gerais:	O ramo Tupari é o ramo da grande família Tupi que possui o segundo maior número de línguas, atrás apenas do ramo Tupi-Guarani. Abaixo, apresentamos um gráfico com a representação de todos os ramos (ou famílias) Tupi, destacando o ramo Tupari (Galucio et al., 2015). Note dentro do ramo Tupari, a língua Sakurabiat é mais próxima da língua Akuntsu, formando um subagrupamento com esta língua. Da mesma forma as línguas Wayoro e Tupari são mais próximas entre si do que qualquer uma das outras, formando também um subagrupamento. E a língua Makurap é a mais distante de todas.

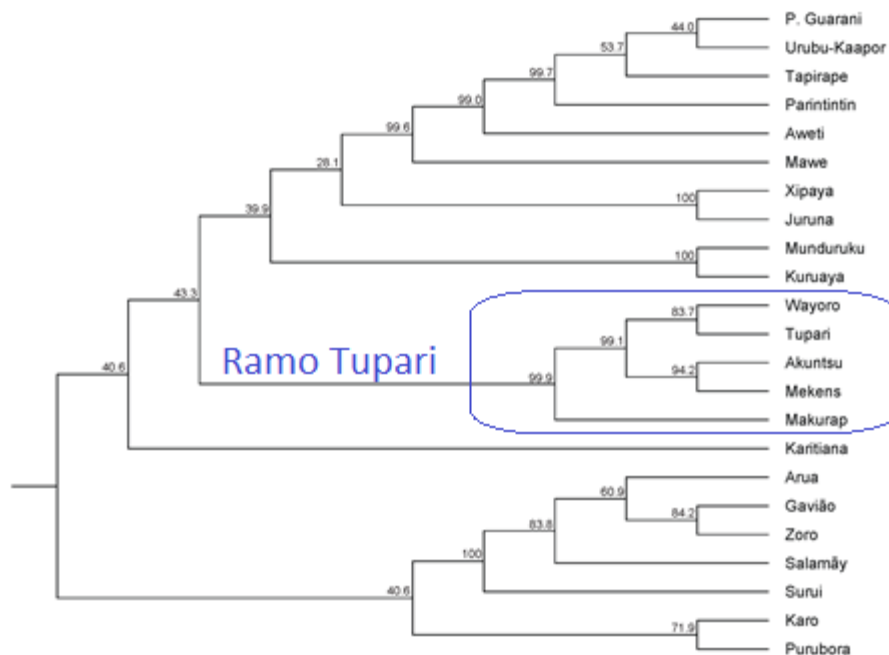


Figura 1. Classificação interna da Família Tupi, com base em distância lexical, com o ramo Tupari em destaque (Galucio et al. , 2015, editado para este relatório)

## 5. Língua e Variedades

A discussão e o consequente estabelecimento do que é uma língua e o que são variedades de uma língua deverão ser feitos junto às comunidades linguísticas – especialmente devido ao caráter simbólico-político do reconhecimento patrimonial das línguas (para mais informações sobre o tema Língua e Variedades, consultar a seção 4, do Volume 1 do Guia).

### 5.1 Identificação de línguas e variedades

Responda a questão abaixo para línguas/variedades que possam ser interpretadas como sendo uma mesma língua com a língua de referência, a partir dos critérios discutidos na seção 4.3 do Volume 1 do Guia. Responda apenas com relação às línguas e variedades que são reconhecidas pela comunidade linguística. Identifique-as por meio de uma forma de denominação (autodenominação ou proposta sugerida pelo inventário) e classifique-as conforme as perguntas abaixo.

Utilize uma tabela nova para cada outra língua ou variedade

Denominação da variedade/língua	Variedade Sakurabiat / língua Sakurabiat
Localidades ou regiões onde é falada	T.I. Rio Mequens, especialmente nas aldeias 90 (Aipere Kooipi), Kwai e Baixa Verde (sendo que nesta última aldeia, apenas um indígena do subgrupo Korategayat e uma indígena do subgrupo Taapiroyat falam essa variedade)

A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística (como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo) <input checked="" type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (ex. português do Brasil e português de Portugal) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (ex. o português e o espanhol) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (ex. o português e o francês)
<p>Observações: a variedade Sakurabiat é a variedade falada pelos membros do subgrupo Sakurabiat, Korategayat e, em certa medida, também representantes de outros subgrupos ainda identificados na comunidade, como os Taapiroyat, que possui uma representante ainda viva. Essa variedade era majoritária, tanto devido ao número de pessoas/falantes da variedade quanto pela força política dos subgrupos que a falavam. Porém, em anos recentes, houve uma mudança de força política e também demográfica, de modo que atualmente a variedade Guaratira é a mais falada.</p>	

Denominação da variedade/língua	Variedade Guaratira / Língua Sakurabiat
Localidades ou regiões onde é falada	T.I. Rio Mequens, especialmente nas aldeias Baixa Verde e Soopipari
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	<input checked="" type="checkbox"/> Sim <input type="checkbox"/> Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	<input checked="" type="checkbox"/> Mesma língua com relação à língua de referência <input type="checkbox"/> Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	<input checked="" type="checkbox"/> Falada por um segmento social da comunidade linguística ( <i>como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,</i> ) <input type="checkbox"/> Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	<input checked="" type="checkbox"/> 1-Totalmente inteligível com a língua de referência <input type="checkbox"/> 2-Quase totalmente inteligível <input type="checkbox"/> 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) <input type="checkbox"/> 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	<input type="checkbox"/> 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico ( <i>ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo</i> ) <input checked="" type="checkbox"/> 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática ( <i>ex. português do Brasil e português de Portugal</i> ) <input type="checkbox"/> 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças ( <i>ex. o português e o espanhol</i> ) <input type="checkbox"/> 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, ( <i>ex. o português e o francês</i> )
Observações: a variedade Guaratira é a variedade falada pelos membros do subgrupo Guaratira, os quais residem majoritariamente nas aldeias Baixa Verde e Soopipari. Atualmente é a variedade majoritária numericamente.	

Denominação da variedade/língua	Variedade Siokweriat ou Kampé / língua Sakurabiat
Localidades ou regiões onde é falada	Possui um único falante pleno que reside na T.I. Rio Branco (durante o período do levantamento)
A equipe tem produzido dados e trabalhado com a comunidade de falantes dessa variedade/língua	[ x ] Sim, apenas com o último falante dessa variedade, quando este residia na T.I. Rio Branco. [ ] Não
O levantamento considera esta variedade/língua como uma...	[ x ] Mesma língua com relação à língua de referência [ ] Língua diferente com relação à língua de referência
Identificação sociolinguística	[ x ] Falada por um segmento social da comunidade linguística (como subgrupo, clã, falas de diferentes localidades do mesmo grupo social,) [ ] Falada por pessoas consideradas de outro grupo social pela comunidade linguística (como pessoas de origem histórica diferente, de outra etnia ou consideradas como outros povos ou tribos)
Grau de inteligibilidade: esta língua/variedade é	[ x ] 1-Totalmente inteligível com a língua de referência [ ] 2-Quase totalmente inteligível [ ] 3-Parcialmente inteligível (ou com sérias dificuldades de inteligibilidade) [ ] 4-Não é inteligível com a língua de referência
Grau de percepção dos falantes	[ ] 1-Falantes conseguem identificar algumas diferenças características de sotaque e léxico (ex. o português do recôncavo baiano e do interior de São Paulo) [ x ] 2-Falantes reconhecem diferenças mais perceptíveis de sotaque, léxico e gramática (ex. português do Brasil e português de Portugal) [ ] 3-Falantes reconhecem algumas semelhanças, mas são bem mais perceptíveis as diferenças (ex. o português e o espanhol) [ ] 4-Falantes conseguem perceber poucas semelhanças, mas em geral entende-se pouquíssimo ou quase nada, (ex. o português e o francês)
Observações:	Sobre a questão da identificação sociolinguística, esclareço que Pedro, o único falante da variedade Siokweriat, que reside na T.I. Rio Branco, se autoidentificava como pertencente à etnia Sakurabiat, subgrupo Siokweriat, quando residia na T.I. Rio Mequens. Porém desde que mudou para a T.I. Rio Branco tem sido identificado como pertencente à etnia Kampé, mesmo nome que tem sido dado à variedade de língua indígena falada por ele. Os Sakurabiat na T.I. Rio Mequens o reconhecem como membro da etnia Sakurabiat, subgrupo/clã Siokweriat, cuja fala é percebida como apresentando diferenças de léxico, gramática e sotaque para as outras

variedades da língua. Porém, o povo Kampé que reside na T.I. Rio Branco, e que inclui a família de um irmão do Sr. Pedro, se identifica como uma etnia distinta, mas pertencente ao ramo linguístico Tupari.

É comum no Brasil uma confusão entre etnia e língua, imaginando que grupos/subgrupos com nomes diferentes falam línguas distintas, sem levar em consideração o critério de inteligibilidade mútua. Por ex, Brasil e Portugal obviamente são nações/culturas diferentes, mas falam dialetos (mutuamente inteligíveis) da mesma língua (o português brasileiro e o português europeu), não línguas distintas.

Com base em critérios linguísticos, incluindo o critério de inteligibilidade mútua, todos os estudos publicados sobre a língua Sakurabiat (Galucio, 2001, 2006, entre outros), identificam a variedade falada por Pedro Artur Sakurabiat (ou Pedro Kampé) como uma variedade da língua Sakurabiat.

Em uma publicação recente, em que apresenta um projeto desenvolvido com as etnias e línguas faladas na T.I. Rio Branco, Isidoro (2018) se refere a essa variedade como *Língua Kampé*, mas não justifica essa nomenclatura e nem menciona qualquer outro documento que embase essa referência.

Durante a redação deste relatório, infelizmente recebemos informação que o Sr Pedro Arthur Sakurabiat (nos últimos anos, identificado como Pedro Kampé), faleceu no dia 17 de janeiro de 2021. Assim, com o seu falecimento, perdemos o último falante pleno da variedade siokweriat (ou Kampé).

## 5.2 Caracterização das línguas e variedades identificadas

No que concerne às línguas identificadas como uma *Mesma Língua* em relação àquela de referência, descreva os principais elementos estruturais que as diferencia (por exemplo, a fonologia segmental, a prosódia, o léxico, a morfologia e a sintaxe)?

Utilize o quadro abaixo para identificar sucintamente tais elementos

Apesar do número reduzido de falantes, são identificadas três variedades linguísticas: Guaratira, Siokweriat e Sakurabiat (Galúcio, 2001). A última variedade é falada por pessoas dos subgrupos étnicos Sakurabiat e Korategaya. A variedade Siokweriat (também conhecida em anos mais recentes como Kampé) é representada por um único falante pleno – o indígena Pedro Sakurabiat que morava na T.I Rio Branco – e sua fala é mais próxima da variedade Guaratira do que da variedade Sakurabiat. Como já informado, desde que mudou-se para a T.I. Rio Branco e passou a conviver com sua família, que constitui a etnia Kampé, o falante passou a se identificar como pertencente à etnia Kampé. A sua variedade de fala passou a ser referida como sendo a língua Kampé, sendo ele seu último falante (Isidoro, 2018).

Segundo os estudos de Galucio (2001, 2006), as três variedades são mutuamente inteligíveis, estando suas diferenças quase que exclusivamente restritas a variações de alguns itens lexicais, que conseguem ser percebidas pelos falantes de cada grupo com uma certa regularidade. Por exemplo, os três dialetos possuem em seu quadro fonológico a consoante fricativa surda /s/,

realizada como [s] em posição inicial e como [ts] em posição intervocálica. No entanto, há algumas palavras nas quais o /s/ intervocálico ocorre apenas no dialeto Sakurabiat, como em <opiso> ‘meu pé’ em Sakurabiat, mas <opio> ‘meu pé’ em Guaratira e Siokweriat (ou Kampé). Já a palavra para ‘homem, pessoa’ é <aose> em todos os três dialetos. Outra variação diz respeito à ocorrência de consoantes nasais no dialeto Sakurabiat que correspondem a consoantes oclusivas surdas em Guaratira e Siokweriat (ou Kampé). Como exemplo temos as palavras <măküyă> ‘cutia’ e <ngwă’ë> ‘panela’ no dialeto Sakurabiat, mas <paküyă> ‘cutia’ e <kwa’ë> ‘panela’ em Guaratira e Siokweriat (ou Kampé).

No que concerne às línguas identificadas como *Línguas Diferentes* em relação àquela de referência, diga se há propostas na literatura especializada que tenham uma interpretação divergente, ou seja, que as classifiquem como variedades de uma mesma língua?

Utilize o quadro abaixo para identificar tais propostas e resumir seus argumentos.

Não

Sim

Identificação e resumo das propostas: A única questão envolve, como já mencionado, a identificação da variedade Siokweriat ou Kampé. Com base em critérios linguísticos, todos os estudos publicados sobre a língua Sakurabiat (Galúcio, 2001, 2006, entre outros), identificam como uma variedade da língua Sakurabiat.

Nos últimos anos, tem surgido menção à língua Kampé (p.ex., Isidoro (2018)), cujo último falante é o mesmo Pedro Artur Sakurabiat (atualmente conhecido como Pedro Kampé). Porém, até o momento de redação deste relatório, não localizamos nenhum trabalho publicado, com estudo técnico sobre essa variedade, que justifique sua identificação como uma língua diferente.

### 5.3 Documentação da pesquisa sobre línguas e variedades

Faça o upload ou escreva no quadro abaixo o *link* dos arquivos que apresentem os principais instrumentos e produtos utilizados na documentação, levantamentos e discussão com a comunidade sobre línguas e variedades.

*Links para arquivos com dados de pesquisa sobre línguas e variedades.*

Até a conclusão deste relatório, conforme meu conhecimento, informações publicadas sobre as variedades da língua Sakurabiat são encontradas nos trabalhos de Galúcio (2001, 2006) e seus alunos (Costa, 2020), os quais estão citados na seção sobre trabalhos de referências e anexados a este relatório. Desconheço a existência de outros trabalhos publicados sobre o tema.

## 6. Situação político-jurídica

Nos itens apresentados a seguir, identifique a situação das línguas com relação a leis de oficialização e/ou patrimonialização existentes. Identificar línguas que tenham passado, estejam passando ou que ainda não foram objeto de **leis de patrimonialização ou oficialização** é uma importante ferramenta para se conhecer a diversidade desses instrumentos no território nacional e acompanhar as ações decorrentes desses processos, bem como sua efetividade.

### 6.1 Oficialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de oficialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua Oficial		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de oficialização		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua não-oficial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

### 6.2 Patrimonialização

Identifique, caso exista, o estatuto da língua com relação a leis de patrimonialização, utilizando-se das categorias propostas e indicando municípios e/ou estados dessas ações no primeiro quadro. No segundo, caracterize as leis existentes, identificando-as através de uma breve descrição e de seu número, data e local de publicação, além do *hyperlink* (caso esteja disponível na internet).

	UF	Municípios
<input type="checkbox"/> Língua reconhecida como patrimônio		
<input type="checkbox"/> Língua em processo de reconhecimento patrimonial		
<input checked="" type="checkbox"/> Língua sem reconhecimento patrimonial		

Identificação das leis (breve descrição)	Nº do processo/publicação/hyperlink (se houver)

### 6.3 Caracterização das leis e estado atual de regulamentação

Caracterize as leis de oficialização e patrimonialização, discutindo sua abrangência e estado atual de implementação. Indique também seu estado atual de regulamentação (caso tenham sido), referindo o número dos processos e publicações, com breves descritivos e *hyperlinks* dos mesmos (se houver).

### 6.4 Fac-símiles dos documentos

*Anexar ao formulário / Fazer upload de documentos completos de co-oficialização e patrimonialização*

## 7. Recursos Documentais

Os recursos documentais estão divididos entre recursos *na* língua – quando a língua de referência é o principal código linguístico utilizado – e recursos *sobre* a língua – quando a língua de referência e a comunidade linguística são o tópico do documento feito em outra língua. Assim, os principais tipos de documentos listados *na* e *sobre* a língua são: produção bibliográfica (livros, panfletos, etc., incluindo materiais didáticos), produção áudio visual (documentários, filmes), produção musical (canções entre outras) e produções na internet – que devem incluir todos os documentos listados e que estejam numa plataforma WEB, além de produtos únicos na internet, como blogs, websites, páginas em redes sociais, vídeos, entre outros.

### 7.1. Produções documentais

Identifique e liste as principais produções documentais **na** e **sobre** a língua, incluindo, com a referência bibliográfica completa.

Produção bibliográfica na língua (incluindo materiais didáticos)

As três obras citadas abaixo, apesar de usarem português, apresentam também textos, informações e áudio na língua de referência.

- GALUCIO, A. V. **Narrativas Tradicionais Sakurabiat**: Mayãp Ebõ. Belém: MPEG, 2006.
- GALUCIO, A. V.; SAKYRABIAR, M. G. ; SAKYRABIAR, M. F. ; SAKYRABIAR, R. G. ; SAQUIRABIAR, O. F. . Sakurabiat. In: Kristine Stenzel; Bruna Franchetto. (Org.). **On this and other worlds: Voices from Amazonia** (Studies in Diversity Linguistics 17). 1ed. Berlin: Language Science Press, 2017, v. , p. 331-351. Disponível em <https://langsci-press.org/catalog/book/167>
- GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat Ereke Ninga: **alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens)**. Belém: MPEG, 2004.

Produção bibliográfica sobre a língua (incluindo materiais didáticos)

Com relação aos estudos linguísticos sobre a língua Sakurabiat, foi publicado um artigo na década de 1950 (Hanke et al, 1958) sobre a fonologia segmental da língua. Em 1994, a linguista Ana Vilacy Galucio iniciou o estudo da língua Sakurabiat, tendo realizado várias

etapas de pesquisa de campo desde então e orientado trabalhos de graduação e pós-graduação sobre a língua. Abaixo, listamos as principais referências sobre a língua.

- COSTA, C. D. N.; GALÚCIO, A. V. O status da escrita no contexto educacional da língua Sakurabiat. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 415-433, maio-ago. 2019.
- COSTA, C. D. N. **Negação sentencial em Sakurabiat**. 2018. 58 f. Monografia (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2018.
- COSTA, C. D. N.. **Proposta de material didático para a língua Sakurabiat**. 2020. 171 f. : il. color. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.
- GALUCIO, A. V.. Línguas silenciadas, nenhuma a mais!. **Revista X**, v. 15, p. 99-106, 2020.
- GALUCIO, A. V.. Línguas de herança, obsolescência linguística e motivações para aprendizagem no contexto da educação escolar indígena: reflexões, dúvidas e desafios. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1/3-20, 2020.
- GALUCIO, A. V. Estrutura argumental e alinhamento gramatical em Mekens. *In*: STORTO, L.; FRANCHETTO, B.; LIMA, S. (Org.). **Sintaxe e semântica do verbo em línguas indígenas do Brasil**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2014, p. 167-195.
- GALUCIO, A. V. **Justificativa Formal da Ortografia Sakurabiat (Mekens)**. Belém: MCT/MPEG, 2004.
- GALUCIO, A. V.. **Sakurabiat** - Verbete (Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil).. São Paulo/SP: Instituto Socioambiental (ISA), 2003. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sakurabiat> . Acessado em 26/01/2021
- GALUCIO, A. V. **The Morphosyntax of Mekens (Tupi)**. 2001. 260 f. Dissertação (Doutorado) – Departamento de linguística, Universidade de Chicago, Chicago, 2001.
- GALUCIO, A. V. Fonologia Segmental da Língua Mekens. *In*: IX encontro nacional da ANPOLL, 1994, Caxambu. **Anais do IX encontro nacional da ANPOLL - Linguística**, Caxambu, v. 2, 1994, p. 988-997.
- GALUCIO, A. V.; COSTA, C. D. N. Count-mass distinction in Sakurabiat. **Linguistic Variation**, v. 20, p. 336-351, 2020.
- GALUCIO, A. V.; SAKYRABIAR, M. G. ; SAKYRABIAR, M. F. ; SAKYRABIAR, R. G. ; SAQUIRABIAR, O. F. . Sakurabiat. *In*: Kristine Stenzel; Bruna Franchetto. (Org.). **On this and other worlds: Voices from Amazonia** (Studies in Diversity Linguistics 17). 1ed. Berlin: Language Science Press, 2017, v. , p. 331-351.
- GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat Erekinga: **alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens)**. Belém: MPEG, 2004.
- GUARATIRA, S. S. C. ; COSTA, C. D. N. . Experiências de resgate da língua e cultura Sakurabiat. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1-14, 2020.
- HANKE, W.; SWADESH, M.; RODRIGUES, A. Notas de Fonologia Mekens. *In*: XXXI Congresso Internacional de Americanistas, 1958, México. **Anais**. México: J. Comas, 1958. p. 187-217.
- MIRANDA, C. C. **Documentação da Língua Mekens**: Proposta de Elaboração de um Dicionário Fauna e Flora. 2015. 76 f. Monografia (Licenciatura em Letras Língua Portuguesa) – Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2015.

#### Produção em áudio e vídeo na língua

- GALUCIO, A. V. **Narrativas Tradicionais Sakurabiat**: Mayãp Ebõ. Belém: MPEG, 2006. Essa obra apresenta 25 narrativas escritas na língua de referência e traduzidas para o português, acompanhadas de um CD-Rom com a narrativa dos textos na língua de referência, por diferentes falantes/narradores Sakurabiat.
- GALUCIO, A. V. *Acervo de Línguas e Culturas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi*. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém.

A coleção da língua Sakurabiat nesse acervo contém material em áudio, vídeo e imagens, de variadas situações de uso cotidiano da língua (narrativas, músicas, conversas) além de material de elicitacão linguística, voltado para o estudo sistemático da língua.

#### Produção em áudio e vídeo sobre língua

Galucio, A. V.; RODRIGUES JUNIOR, D. . Dicionário Multimídia Sakurabiat - Português. 2020.

#### Produção musical na língua

No Acervo de Línguas e Culturas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi, existem gravações de músicas na língua, registradas por Ana Vilacy Galucio, em projetos de documentação linguística e cultural.

#### Produção na língua disponível na internet

É possível consultar algumas produções realizadas pelo Goeldi em áudio e vídeo sobre a língua no *Acervo de Línguas e Culturas Indígenas do Museu Paraense Emílio Goeldi* nesse link: [arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?0](http://arqling.museu-goeldi.br/ds/asv/?0)

O áudio, a transcrição e as legendas do texto publicado “Sakurabiat” (Galucio, Sakyrabiar, et. Al., 2017) estão disponíveis em:

<https://zenodo.org/record/997447#.YDGIHuhKiUk>

#### Produção sobre a língua disponível na internet

Vários artigos escritos estão disponíveis online, como exemplo, cita-se os trabalhos abaixo:

- GALUCIO, A. V.. **Sakurabiat** - Verbete (Enciclopédia dos Povos Indígenas no Brasil).. São Paulo/SP: Instituto Socioambiental (ISA), 2003. Disponível em <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Sakurabiat> . Acessado em 26/01/2021
- COSTA, C. D. N.; GALÚCIO, A. V. O status da escrita no contexto educacional da língua Sakurabiat. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 415-433, maio-ago. 2019. <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1507>

- GALUCIO, A. V.. Línguas de herança, obsolescência linguística e motivações para aprendizagem no contexto da educação escolar indígena: reflexões, dúvidas e desafios. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1/3-20, 2020. Disponível em <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/235>
- GUARATIRA, S. S. C. ; COSTA, C. D. N. . Experiências de resgate da língua e cultura Sakurabiat. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1-14, 2020. Disponível em <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/249>
- GALUCIO, A. V.;SAKYRABIAR, M. G. ; SAKYRABIAR, M. F. ; SAKYRABIAR, R. G. ; SAQUIRABIAR, O. F. . Sakurabiat. In: Kristine Stenzel; Bruna Franchetto. (Org.). **On this and other worlds: Voices from Amazonia** (Studies in Diversity Linguistics 17). 1ed.Berlin: Language Science Press, 2017, v. , p. 331-351. Disponível em <https://langsci-press.org/catalog/book/167>

## 7.2 Principais referências documentais

Selecionar e comentar as principais referências documentais **na** e **sobre** a língua

Referências	Comentários
<ul style="list-style-type: none"> <li>• HANKE, W.; SWADESH, M.; RODRIGUES, A. Notas de Fonologia Mekens. In: XXXI Congresso Internacional de Americanistas, 1958, México. Anais. México: J. Comas, 1958. p. 187-217.</li> </ul>	<p>Primeiro estudo que se tem conhecimento sobre a língua Sakurabiat . Foi escrito com base em um vocabulário coletado por Wanda Hanke, em 1949, com dois indígenas da etnia Mekens (Sakurabiat). Apresenta princípios básicos da fonologia segmental da língua.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• GALUCIO, A. V. Fonologia Segmental da Língua Mekens. In: IX encontro nacional da ANPOLL, 1994, Caxambu. Anais do IX encontro nacional da ANPOLL - Linguística, Caxambu, v. 2, 1994, p. 988-997.</li> </ul>	<p>As pesquisas sobre a língua Sakurabiat começaram a ser realizadas, de forma sistemática, no início da década de 1990, através dos estudos sobre a língua e cultura Sakurabiat realizados por Galúcio (1994, 2001, 2006, 2014, 2017 e outros). Este artigo é o primeiro trabalho realizado por Galucio, como resultado de seus estudos iniciais da fonologia Sakurabiat. O artigo apresenta os quadros fonéticos e fonológicos da língua, princípios da fonotática, como padrões silábicos, distribuição dos fonemas e processos morfofonológicos.</p>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• GALUCIO, A. V. The Morphosyntax of Mekens (Tupi). 2001. 260 f. Dissertação (Doutorado) – Departamento de linguística,</li> </ul>	<p>Trata-se do estudo mais abrangente sobre a língua Sakurabiat. Neste trabalho Galucio identifica aspectos importantes da morfossintaxe Sakurabiat, como: classes de palavras, tipos sentenciais, processos morfológicos de formação de palavras,</p>

Universidade de Chicago, Chicago, 2001.	entre outros.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat EreK Ninga: alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens). Belém: MPEG, 2004</li> </ul>	Recurso didático para o ensino da língua, essa cartilha de alfabetização em Sakurabiat foi elaborada como resultado das experiências de aulas de alfabetização na língua indígena realizadas por Galúcio – em períodos de aproximadamente um mês por ano entre 1996 a 1998 – no decorrer do projeto de alfabetização em línguas indígenas, desenvolvido pelo setor de linguística do Museu Paraense Emílio Goeldi em parceria com a <i>Norwegian Rainforest Foundation</i> . A cartilha de alfabetização em Sakurabiat seguiu a metodologia de ensino da língua Sakurabiat como língua materna (LM). A ortografia indígena utilizada no projeto foi elaborada por Galúcio e testada pela pesquisadora durante as aulas de alfabetização.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• GALUCIO, A. V. Narrativas Tradicionais Sakurabiat: Mayãp Ebõ. Belém: MPEG, 2006.</li> </ul>	Trata-se de uma coletânea bilíngue de narrativas tradicionais. Portanto após uma breve introdução em Português, apresenta 25 narrativas escritas na língua de referencia e traduzidas para o português, acompanhadas de um CD-Rom com a narrativa dos textos na língua de referência, por diferentes falantes/narradores Sakurabiat.
<ul style="list-style-type: none"> <li>• GUARATIRA, S. S. C. ; COSTA, C. D. N. . Experiências de resgate da língua e cultura Sakurabiat. <b>Cadernos de Linguística</b>, v. 1, p. 1-14, 2020.</li> <li>• GALUCIO, A. V.. Línguas de herança, obsolescência linguística e motivações para aprendizagem no contexto da educação escolar indígena: reflexões, dúvidas e desafios. <b>Cadernos de Linguística</b>, v. 1, p. 1/3-20, 2020.</li> </ul>	Relatos sobre o processo de resgate cultural e linguístico, capitaneado pelos jovens professores indígenas, em curso nos últimos anos na comunidade. O 1º trabalho se destaca por ser escrito pela professora Silvana Guaratira (1ª autora do artigo). Ambos disponíveis online, ver acima.

**Anexar / Fazer upload documentos digitalizados –**

Hanke et al (1958), Galucio (1994) e Galucio (2001) as principais referencias de estudo sobre a língua estão anexas. Vários dos outros documentos de referencia estão disponíveis online, como informado acima.

### 7.3 Disponibilidade das produções documentais na comunidade

Comente sobre a disponibilidade e acesso dos documentos identificados pela comunidade linguística. A pergunta básica seria “a comunidade tem acesso a essa documentação?”

Toda a comunidade recebeu cópias dos trabalhos escritos na língua Sakurabiat:

- GALUCIO, A. V. Narrativas Tradicionais Sakurabiat: Mayãp Ebõ. Belém: MPEG, 2006.
- GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat Erek Ninga: alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens). Belém: MPEG, 2004

Além disso, a comunidade pode ter acesso e receber cópias de todo o material audiovisual disponível no Acervo do Museu Emilio Goeldi.

Um dos efeitos do levantamento foi o estímulo na vontade de jovens em aprender a língua, e ensinar para os filhos pequenos. Os produtos de documentação linguística produzidos durante anos de pesquisa pela coordenadora deste levantamento têm sido cada vez mais requisitados, para serem copiados em pendrives e transferidos para o celular, a fim de que possam escutar, especialmente as músicas, as histórias, na língua Sakurabiat.

### 7.4 Outras referências sobre o povo e/ou a língua citados no relatório

GALUCIO, A. V.; Meira, S.; Drude, S.; Gabas Jr, N.; Moore, D.; Picanço, G.; Reis Rodrigues, C.; Storto, L.; van der Voort, H. Genealogical relations and lexical distances within the Tupi linguistic family: a lexicostatistical and phylogenetic approach. In **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas**, v. 10, p. 229-274, 2015.

ISIDORO, Edineia. Línguas indígenas ameaçadas, por um protagonismo indígena – discussões e resultados iniciais. In **I Seminário Latino-Americano de Estudos em Cultura (Anais...) I-SEMLACult Actas**, realizado em setembro de 2018, Foz do Iguaçu/PR, Brasil.

LEONEL Jr., Mauro de M. Avaliação da Polonoeste – IV Relatório Antropológico e Etnohistórico sobre a Ocupação Atual e Imemorial do Território dos Índios Sakirabiar e Macurap. A Área Indígena do Rio Mequens. Ms. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1985.

LEONEL Jr., Mauro de M.. 2º Relatório de Avaliação – a I. Rio Mequens. Levantamento dos Desmatamentos e da Atuação de Madeiras na Área Indígena do Rio Mequens (Sakirabiar e Macurap). Ms. Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas, 1985.

MALDI, Denise. O complexo cultural do marico: sociedades indígenas dos rios Branco, Colorado e Mequens, afluentes do Médio Guaporé. In **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, série Antropologia, vol. 7, No. 2, pp. 209-269, 1991.

MÉTRAUX, A. Tribes of eastern Bolivia and the madeira headwaters. In: Steward, J. (ed.). **Handbook of South American Indians**. Washington, Smithsonian Institution, 3, 1948.

MILLER, E. **História da cultura indígena do alto médio Guaporé**. Rio Grande do Sul, PUCRGS. Dissertação de Mestrado, 1983.

SNETHLAGE, Emil H. **Atiko Y: Meine erlebnisse bei den Indianern des Guaporé**, Berlim. Klinkhardt & Biermann Verlag, 1937.

## 8. Pessoas de referência

Assim como os recursos documentais, identificar as pessoas de referência para as línguas é fundamental para se conhecer e subsidiar ações de valorização e promoção das línguas nas comunidades. Os inventários deverão identificar dois tipos principais de **pessoas de referência** para as línguas: falantes de referência e especialistas.

### 8.1 Principais falantes de referência

Identifique os principais falantes de referência da língua, como por exemplo, sabedores; professores falantes da língua; autores; cantores/músicos; intelectuais/acadêmicos/especialistas membros da comunidade, entre outros. Liste os nomes e contatos dos principais falantes de referência, e, se possível, caracterize esses falantes, ou seja, informe com maiores detalhes quem são essas pessoas, sua trajetória de vida e o que as torna falantes de referência para a língua. Neste espaço também cabem registros audiovisuais desses falantes, seja a partir da realização de entrevistas sobre diversos temas ou mesmo uma curta biografia de suas vidas contada por eles mesmos.

Lista de nomes/contatos	<i>Caracterização das pessoas</i>	<i>Anexar/ Fazer upload entrevistas/retratos com falantes de referência no acervo digital</i>
Vicência Ferreira Sakyrabiar	Uma das falantes mais idosas da língua. Eximia contadora das histórias tradicionais, cantora, e fonte de informações históricas e culturais. Faleceu em maio de 2020.	Conversa em vídeo (ver em usos cotidianos)
Samuel Monteiro Sakyrabiar	Um dos falantes mais idosos da língua. Eximio contador das histórias tradicionais (mitos), cantor, e fonte de informações históricas e culturais.	Fotos
Olimpio Ferreira Sakyrabiar	Falante fluente da língua. Trabalha com a linguista Ana Vilacy Galucio, como consultor indígena e conhecedor pleno de Sakurabiat, auxiliando também em traduções e transcrições da língua. Junto com seu irmão, assassinado em 2015 (Manoel F. Sakyrabiar) e com Rosalina	Conversa em vídeo (ver em usos cotidianos), lista de palavras em áudio, fotos

	<p>Guaratira tem sido, um dos principais colaboradores nas pesquisas e estudos sobre a língua, inclusive na definição da proposta de grafia, que foi usada na cartilha para alfabetização na língua (GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat EreK Nínga: alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens). Belém: MPEG, 2004) e no material didático elaborado por Carla Costa (COSTA, C. D. N.. Proposta de material didático para a língua Sakurabiat. Dissertação de Mestrado, Univ. Federal do Pará, Belém, 2020.</p> <p>) assim como no Dicionário multimídia em desenvolvimento (Galucio, A. V; RODRIGUES JUNIOR, D. . Dicionário Multimídia Sakurabiat - Português. 2020.)</p>	
Luzia Sakyrabiar	<p>Uma das falantes mais idosas da língua. Eximia contadora das histórias tradicionais, cantora, e fonte de informações históricas e culturais. Devido a problemas de saúde, atualmente fala com muita dificuldade e quase não escuta.</p>	Fotos
Rosalina da Silva Guaratira	<p>Falante fluente da língua. Trabalha com a linguista Ana Vilacy Galucio, como consultora indígena e conhecedor pleno de Sakurabiat, auxiliando também em traduções e transcrições da língua. Junto com Olimpio sakyrabiar e o Manoel Sakyrabiar (falecido</p>	Fotos

	em 2015) tem sido, uma das principais colaboradoras nas pesquisas e estudos sobre a língua, inclusive no material didático elaborado por Carla Costa (COSTA, C. D. N.. Proposta de material didático para a língua Sakurabiat. Dissertação de Mestrado, Univ. Federal do Pará, Belém, 2020. ) e no Dicionário multimídia em desenvolvimento (Galucio, A. V; RODRIGUES JUNIOR, D.. Dicionário Multimídia Sakurabiat - Português. 2020.)	
Severino da Silva Guaratira	Falante fluente da língua. conhecedor pleno de Sakurabiat, auxilia também em traduções e transcrições da língua.	Narrativa em vídeo ver em usos cotidianos); Fotos
Bonifácio da Siva Sakyrabiar	Falante fluente da língua. conhecedor pleno de Sakurabiat, auxilia também em traduções e transcrições da língua.	Música ver em usos cotidianos), em vídeo; fotos
Francisco da Silva Guaratira	Falante fluente da língua. conhecedor pleno de Sakurabiat, auxilia também em traduções e transcrições da língua.	Fotos
Pedro Arthur Sakyrabiar (ou Pedro Kampé)	Um dos falantes mais idosos da língua, último falante da variedade Siokweriat ou Kampé. Exímio contador das histórias tradicionais (mitos), cantor, e fonte de informações históricas e culturais. Faleceu em janeiro de 2021	Fotos

## 8.2 Especialistas e demais pessoas envolvidas em pesquisa e ações

Identificação de especialistas (linguistas, antropólogos, educadores) e outras pessoas envolvidas em pesquisas e demais ações de valorização e promoção da língua. Os especialistas podem ser identificados entre pessoas de dentro ou de fora da comunidade. Devem ser identificados seus nomes, seus contatos (inclusive instituição a que pertencem) e uma lista sumária de atividades que realizam.

Nome	Contatos	É membro da comunidade linguística?	Principais atividades que realiza
Ana Vilacy Galucio	<a href="mailto:avilacy@museu-goeldi.br">avilacy@museu-goeldi.br</a> [telefone anonimizado]	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	Linguista. Desenvolve projetos de documentação e estudo da língua desde a década de 1990. Presta assessoria e apoio às ações de iniciativas da comunidade, no ensino da língua na escola.
Olimpio Ferreira Sakyrabiar	[telefone anonimizado]	<input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim	Falante fluente da língua. Trabalha com a linguista Ana Vilacy Galucio, como consultor indígena e conhecedor pleno de Sakurabiat, auxiliando também em traduções e transcrições da língua. Junto com seu irmão, assassinado em 2015 (Manoel F. Sakyrabiar) e com Rosalina Guaratira tem sido, um dos principais colaboradores nas pesquisas e estudos sobre a língua, inclusive na definição da proposta de grafia, que foi usada na cartilha para alfabetização na língua (GALUCIO, A. V.; SAQUIRABIAR, O. F. Sakurabiat Erek Ninga: alfabetização na língua Sakurabiat (Mekens). Belém: MPEG, 2004) e no material didático elaborado por Carla Costa (COSTA, C. D. N.. Proposta de material didático para a língua

			<p>Sakurabiat. Dissertação de Mestrado, Univ. Federal do Pará, Belém, 2020.</p> <p>) assim como no Dicionário multimídia em desenvolvimento (Galucio, A. V; RODRIGUES JUNIOR, D. . Dicionário Multimídia Sakurabiat - Português. 2020.)</p>
Rosalina da Silva Guaratira	[telefone anonimizado]	<input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim	<p>Falante fluente da língua. Trabalha com a linguista Ana Vilacy Galucio, como consultora indígena e conhecedor pleno de Sakurabiat, auxiliando também em traduções e transcrições da língua. Junto com Olimpio sakyrabiar e o Manoel Sakyrabiar (falecido em 2015) tem sido, uma das principais colaboradoras nas pesquisas e estudos sobre a língua, inclusive no material didático elaborado por Carla Costa (COSTA, C. D. N.. Proposta de material didático para a língua Sakurabiat. Dissertação de Mestrado, Univ. Federal do Pará, Belém, 2020.</p> <p>) e no Dicionário multimídia em desenvolvimento (Galucio, A. V; RODRIGUES JUNIOR, D.. Dicionário Multimídia Sakurabiat - Português. 2020.)</p>
Carla Daniele Costa	<a href="mailto:carladncosta@hotmail.com">carladncosta@hotmail.com</a>	<input checked="" type="checkbox"/> não <input type="checkbox"/> sim	<p>Em seu curso de Mestrado em Letras (2020), realizou pesquisa sobre a elaboração de um material de ensino-aprendizagem da língua Sakurabiat.</p>
Silvana Guaratira	[telefone anonimizado] (whatsapp)	<input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim	<p>É professora a escola indígena Aipere, na aldeia Baixa Verde. Formada pelo Curso de formação de</p>

			professores indígenas – Açaí, da SEDUC/Rondônia (2019). Tem fomentado e organizado, juntamente com Ademildo Sakyrabiar, ações de resgate linguístico e cultural na comunidade.
Ademildo Monteiro Sakyrabiar	(telefone anonimizado)	<input type="checkbox"/> não <input checked="" type="checkbox"/> sim	Formado pelo Curso de formação de professores indígenas – Açaí, da SEDUC/Rondônia (2019). Tem fomentado e organizado, juntamente com a professora Silvana Guaratira, ações de resgate linguístico e cultural na comunidade.

## 9. Instituições

### 9.1 Escola

A seguir, são propostas duas questões básicas para se avaliar a relação entre escola e língua: **língua como disciplina e língua de instrução**.

- Professores e materiais didáticos  
Selecione as opções que se aplicam à língua de referência

Há professores que falam a língua de referência?

- não  
 sim, todos ou a grande maioria  
 sim, mas há muitos professores que não falam a língua

Há materiais didáticos na e sobre a língua de referência?

- sim, em boa quantidade e/ou qualidade  
 sim, mas existem ainda muito poucos e/ou de baixa qualidade  
 não

Observações

A respeito da educação escolar indígena na comunidade, houve uma tentativa de implantar o ensino da língua indígena na escola, que funcionava na aldeia 90, no ano de 2004; as aulas seriam ministradas pelo então professor indígena Olimpio Sakyrabiar; mas por motivos diversos a escola indígena foi desativada e as aulas interrompidas. Desde então não existe escola funcionando na aldeia 90 ou na aldeia Mariano (desmembrada da aldeia 90, nos últimos cinco

anos).

Em um dos períodos em que houve educação escolar nas aldeias Sakurabiat (mais ou menos entre 1994-1996, antes da separação em várias aldeias) não havia espaço físico destinado à realização das atividades escolares; as aulas eram ministradas pela esposa do cacique, que utilizava a cozinha de sua casa – equipada com um quadro e algumas cadeiras – para alfabetizar, em português, seus filhos e outras crianças da comunidade.

A instabilidade da educação escolar Sakurabiat perdura até os dias atuais.

Durante o levantamento em campo, identificamos que havia dois espaços físicos destinados à escola – na aldeia Mariano e na aldeia Baixa Verde. Porém, somente na aldeia Baixa Verde, a escola funciona. Há uma professora indígena (Silvana Guaratira) contratada pela Secretaria de Estado de Educação de Rondônia (SEDUC/RO), que ministra aulas regulares para as séries infantis e primeiras séries do ensino fundamental. A escola se chama Escola de Ensino Fundamental Aipere. A professora ministra aulas para alunos do 1º ao 5º ano do ensino fundamental em uma classe multisseriada. Em julho de 2019 havia quatro alunos matriculados.

Apesar dessa limitação com referência à escola, existe um processo de resgate cultural e linguístico, iniciado pelos Sakurabiat há cerca de 05 anos e impulsionado pela participação de três jovens adultos que realizaram o curso de formação de professores indígenas de Rondônia, concluído em 2019 (III Etapa do Projeto Açaí, desenvolvido pela Coordenação Geral do Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (Seduc-RO). Os professores formados pelo curso recebem habilitação para lecionar nas séries iniciais do ensino fundamental. Porém, como informado anteriormente, apenas uma professora atua efetivamente como professora na T.I. Rio Mequens.

Com relação a materiais didáticos na e sobre a língua Sakurabiat, todos os materiais existentes são produtos da pesquisa de longo prazo que vem sendo realizada por Ana Vilacy Galucio, porém no momento deste levantamento, não existia nenhum material didático pensado especificamente para uso na escola indígena em funcionamento na T.I. Rio Mequens.

- O primeiro material foi produzido em 2004, em conjunto com Olimpio Sakyrabiar, foi elaborado o primeiro material para o ensino da língua (GALÚCIO; FERREIRA SAKYRABIAR, 2004). Esse material foi o resultado das experiências de aulas de alfabetização na língua indígena realizadas por Galúcio (entre 1996 e 1998), como parte do projeto de alfabetização em línguas indígenas, desenvolvido pelo setor de linguística do Museu Paraense Emílio Goeldi em parceria com a *Norwegian Rainforest Foundation*. O projeto abarcava outras línguas indígenas de Rondônia e tinha como objetivo alfabetizar em língua materna falantes fluentes de línguas indígenas.

A metodologia usada na cartilha de alfabetização seguiu a metodologia de ensino da língua Sakurabiat como língua materna (LM). A ortografia indígena utilizada no projeto foi elaborada por Galúcio e testada pela pesquisadora durante as aulas de alfabetização. Essa cartilha ainda é usada atualmente, como material de apoio ao ensino-aprendizagem da língua sakurabiat na escola indígena.

- em 2006, foi publicada a coletânea de narrativas tradicionais Sakurabiat (GALUCIO, A. V. *Narrativas Tradicionais Sakurabiat: Mayã Ebõ*. Belém: MPEG, 2006.). Esse livro, disponibilizado para todas as famílias Sakurabiat, contém 25 narrativas escritas em Sakurabiat, traduzidas para o

Portugues e conta com um suporte em CDRom com a narração oral e acompanhamento do texto escrito. Esse material tem sido usado como material paradidático na escola.

- Durante a reunião para a anuência do levantamento do INDL, em julho de 2017, a comunidade solicitou novo material didático para apoiar o ensino da língua, dentro e fora da escola. A assistente de pesquisa Carla Costa aceitou o desafio e apresentou uma proposta de material didático para ensino da língua, como resultado de seu curso de Mestrado (telefone anonimizado), na Universidade Federal do Pará: COSTA, C. D. N.. **Proposta de material didático em língua Sakurabiat**. 2020. 171 f. : il. color. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Letras, Instituto de Letras e Comunicação, Universidade Federal do Pará, Belém, 2020.

Esse Material foi elaborado a partir de pesquisa com os três professores indígenas formados pelo curso Açai, que apresentaram suas expectativas e demandas para o material considerando sua experiência com a língua; três falantes plenos da língua três falantes da língua, todos adultos acima de 50 anos de idade, que auxiliaram especialmente na revisão do material; outros membros adultos da comunidade (incluindo mães/pais com filhos na escola indígena) que participaram desta pesquisa apresentando suas demandas e expectativas a respeito do material didático.

A partir da pesquisa realizada, Costa (2020) definiu o modelo de usuário do material didático, como sendo os alunos da escola indígena (crianças entre 5 a 9 anos), os adultos, especialmente os professores maiores de 20 anos de idade, mas também os demais adultos nessa faixa etária. Ambos compartilham a língua portuguesa como primeira língua aprendida na infância, caracterizando Sakurabiat como segunda língua (L2) em relação a sua aprendizagem na comunidade.

O livro contém duas versões: a versão do aluno, em que há as unidades e atividades a serem realizadas; e a versão do professor, constituída pelas unidades, atividades respondidas e direcionamentos sobre como conduzir as atividades propostas. Os professores são orientados a desenvolverem atividades de pesquisa com os anciões da comunidade para que situações de interação na língua indígena ocorra.

Este Material ficou pronto no 1º semestre de 2020, mas em decorrência da pandemia ocasionada pelo Cobid-19 não foi possível ainda levar para ser usado pela comunidade na T.I. Rio Mequens.

#### ▪ Informações sobre escolas na comunidade de referência

Neste item, sugere-se o fornecimento de informações sobre todas as escolas situadas na comunidade de referência. As informações básicas são: *nome da escola*, *localização* da escola entre as localidades de ocorrência da língua, níveis escolares contemplados, se a escola tem programas especiais como *intercultural*, *bilíngue* ou *"diferenciado"*. Em seguida, pede-se que os proponentes dos inventários forneçam informações sobre em que língua ocorre a **alfabetização**, qual(is) a(s) língua(s) de **instrução** na escola, ou seja, qual a língua usada para se ensinar as diferentes disciplinas escolares, e se a língua de referência consta como uma **disciplina** escolar. Além de identificar se esse é o caso, deve-se indicar o nome da disciplina no currículo escolar, indicar para quais anos/séries a disciplina é oferecida

e em qual/quais escola(s) e localidade(s) ela é ensinada, além de apresentar uma breve descrição sobre o que trata essa disciplina. Sugere-se utilizar o quadro de observações para inclusão de demais considerações pertinentes (consultar Parte 2, seção 9.3, para mais orientações questões relativas à educação escolar).

*Utilize uma tabela como esta para cada escola*

Nome da Escola	EIEEF AIPERE
Local	Aldeia Baixa Verde (T.I. Rio Mequens)
Níveis contemplados	<input type="checkbox"/> Ensino Infantil <input checked="" type="checkbox"/> Ensino Fundamental <input type="checkbox"/> Ensino Médio
Possui educação intercultural, bilíngue ou diferenciada?	<input type="checkbox"/> Sim. Explique: <input checked="" type="checkbox"/> Não  A escola é registrada como escola indígena, em área rural. Não há formalmente a aplicação de educação intercultural, bilíngue, diferenciada. Apenas a professora tenta trazer para a escola a inclusão de conteúdos da cultura tradicional Sakurabiat.
Língua de Alfabetização	<input checked="" type="checkbox"/> Português <input type="checkbox"/> Língua de Referência <input type="checkbox"/> Outra. Explique:
Língua de Instrução	<input type="checkbox"/> A língua de referência é usada na instrução escolar <input checked="" type="checkbox"/> O Português é a única língua usada na instrução escolar
Língua como disciplina	<input type="checkbox"/> A língua de referência não é uma disciplina escolar <input type="checkbox"/> O ensino da língua de referência é na verdade de uma variedade padrão que não é a mesma falada pela comunidade (responda as questões abaixo) <input checked="" type="checkbox"/> A língua de referência é um disciplina escolar (responda as questões abaixo)
A partir de qual ano escolar?	1º ano ensino fundamental. Como a escola é multisseriada, e as crianças estudam simultaneamente na mesma sala de aula e mesmo período, as aulas de língua Sakurabiat são ministradas simultaneamente para todos; então os alunos de todas as séries, desde o 1º ano até o 5º ano, participam das aulas.
Até que ano escolar?	5º ano ensino fundamental. Como a escola é multisseriada, e as crianças estudam simultaneamente na mesma sala de aula e mesmo período, as aulas de língua Sakurabiat são ministradas simultaneamente para todos; então os alunos de todas as séries, desde o 1º ano até o 5º ano, participam das aulas.
Com que regularidade/frequência no ano escolar	1 vez por semana, no mínimo
Breve descrição do que trata a disciplina	Conforme descrito em Guaratira e Costa (2020), como parte da disciplina de ensino de língua materna, a professora Silvana Guaratira desenvolve atividades de valorização e resgate da língua e cultura Sakurabiat. Essas atividades são planejadas de acordo com o que a professora aprende a respeito da língua e cultura de

	<p>seu povo com os mais velhos da comunidade, principalmente com seu pai (falante fluente da língua). A partir dos conhecimentos que adquire, a professora ensina aos alunos da aldeia Baixa Verde sobre os costumes antigos e a língua tradicional do povo. O pai da professora auxilia a filha contando histórias tradicionais Sakurabiat para os alunos, bem como fazendo caminhadas à floresta para ensinar os aprendizes sobre plantas medicinais. Além disso, as famílias da comunidade incentivam as crianças a utilizar palavras em Sakurabiat dentro de casa (principalmente às de fauna e flora), colaborando assim para o trabalho da professora na escola.</p> <p>A professora ensina também a ortografia da língua Sakurabiat na escola. As palavras em Sakurabiat aprendidas na comunidade estimulam atividades de leitura e escrita, como a produção de cartazes com desenhos e nomes na língua indígena. Esses materiais pedagógicos compõem o ambiente da escola indígena Aipere.</p>
Observações	<p>As atividades de resgate da língua e cultura tradicionais na escola têm se mostrado importantes para a conscientização do grupo em relação à valorização da língua indígena como um importante elemento da identidade Sakurabiat. Antes das ações realizadas pela professora, as famílias da comunidade pouco estimulavam as crianças a aprenderem como falar na língua Sakurabiat palavras do cotidiano da aldeia. Após conversas da professora com os membros da comunidade a respeito da importância da língua Sakurabiat como símbolo da identidade étnica do grupo, além das atividades de uso da língua indígena realizadas dentro e fora da escola, os pais começaram a ensinar aos filhos nomes de animais, frutas, utensílios do dia a dia etc., em Sakurabiat.</p>

- Contexto escolar. Identificar se a situação atual das escolas está:

Classifique numa escala se a situação das escolas é favorável, indiferente ou desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola. A isso, segue-se um campo de justificativa: forneça outros detalhes não mencionados ainda e caracterize de modo geral a situação escolar.

[ x ] Favorável à promoção do uso da língua de referência na escola
[ ] Indiferente à promoção do uso da língua de referência na escola
[ ] Desfavorável à promoção do uso da língua de referência na escola
Justificativa e caracterização (se houver) das situações desfavoráveis para a promoção da língua no contexto escolar:

## 9.2 Demais serviços públicos

Identificar quais são os serviços públicos que são oferecidos na língua. Marque quantas opções forem necessárias.

<input type="checkbox"/> Saúde	Observações:
<input type="checkbox"/> Prefeitura	Observações:
<input type="checkbox"/> Outros	Observações:

## 9.3 Outras Instituições

Identificar se há e quais são as instituições que atuam no território da língua e se suas atividades apoiam o uso da língua de referência, quais são e de que maneira o fazem. Enfatizar os tipos de instituições que são vetores para a promoção da língua de referência. Identifique o tipo de organização, se ela é de dentro ou de fora da comunidade, e quais tipos de atividades ligadas à promoção da língua elas promovem.

	Identificação (nome e endereço)	Procedência	Atividades realizadas	Observações
Associações Representantes		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Organização governamentais	Museu Paraense Emilio Goeldi (MPEG)	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Desde 1994, financia e apoia pesquisas e estudos sobre a língua, especificamente os estudos coordenados por Ana Vilacy Galucio, como projetos de documentação linguística e cultural, projetos de alfabetização na língua indígena, etc.	Possui um acervo audiovisual com materiais na língua Sakurabiat, registrados nos projetos de documentação e estudos da língua, coordenados por Ana Vilacy Galucio.
	FUNAI	<input checked="" type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	Pelo menos desde que iniciou processo de resgate da língua e cultura tradicionais, liderada pelos jovens professores, a FUNAI/Regional Cacoal tem incentivado e	Os três alunos do Projeto Açaí, com o auxílio da Coordenação Regional da Funai de Cacoal (RO), organizaram uma oficina de artesanato em julho de 2017. A oficina ocorreu na aldeia Baixa Verde e reuniu além dos moradores de 4 das 5 aldeias,

			<p>apoiado esse processo. Em 2017, apoiou com recursos financeiros e operacionais a realização da Oficina de Artesanato tradicional, organizada na aldeia Baixa Verde, com participação de 04 das 05 aldeias.</p>	<p>representantes de outras etnias do estado de Rondônia (Aikanã, Suruí e Cinta Larga), para troca de experiências. Foram três dias de atividades, incluindo oficinas de artesanato, como produção de rede e flecha, pintura corporal, canto e danças das etnias presentes.</p>
Organismos internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
ONGs nacionais	Conselho Indigenista Missionario/CIM I-RO	<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade	<p>Presta apoio de maneira esporádica às iniciativas da comunidade de valorização da língua e cultura tradicionais</p>	<p>Na década de 1990, prestou forte apoio na demanda pela demarcação da Terra Indígena. Apoio a iniciativas de valorização e resgate cultural</p>
ONGs internacionais		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Religiosas/missionárias		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Grupos/Coletivos de cultura		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		
Outros:		<input type="checkbox"/> de fora da comunidade <input type="checkbox"/> de dentro da comunidade		

#### 9.4 Organizações que ameaçam a língua e a cultura da comunidade linguística

Indicar se há, quais são e o que fazem organizações que – na opinião deste dos proponentes do inventário – possam ser um fator de ameaça para a língua e para a cultura da comunidade.

Instituição	O que tem sido desenvolvido	Consequências

## Módulo 5

### Diagnóstico Sociolinguístico<sup>1</sup>

Este módulo contém questões relativas à língua de referência e à comunidade linguística que se mesclam, de modo a caracterizar a língua em relação ao contexto sociolinguístico mais amplo da comunidade. Muitas das questões a serem discutidas envolvem técnicas de recenseamento linguístico ou, de modo mais geral, o que chamamos de levantamento demográfico.

#### 1. Falantes<sup>2</sup>

Nesta seção são apresentados resultados ou estimativas da quantidade de falantes da língua de referência e de outras línguas, contando com uma breve caracterização dessas situações de contato entre línguas em nível individual: quantidade de sujeitos monolíngues (falantes de apenas uma língua, sendo essa a língua de referência ou outras), bilíngues (falantes de duas línguas) e plurilíngues (falantes de três ou mais línguas).

##### 1.1 Número de falantes da língua de referência

Preencha o quadro a seguir com as informações requeridas sobre a quantidade de falantes das línguas de referência (em números absolutos). Quando a comunidade de referência for um recorte da comunidade linguística, preencher também a terceira coluna à direita (consultar orientações específicas sobre proficiência e definições de falantes na Parte 2, seção 2, deste Guia).

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Número de falantes	15 (2017), considerando o indígena que residia na T.I. Rio Branco e o indígena que mudou-se para a cidade.  Porém com a morte de 03 pessoas ([telefone anonimizado]), o total em fevereiro/2021 é 12 falantes	15 (2017), considerando o indígena que residia na T.I. Rio Branco e o indígena que mudou-se para a cidade.  Porém com a morte de 03 pessoas ([telefone anonimizado]), o total em fevereiro/2021 é 12 falantes
<b>Número de falantes</b>	09 (2017). Porém com a morte de	09 (2017). Porém com a

<sup>1</sup> Este módulo contém várias questões que devem ser respondidas somente por inventários amplos, pois requerem aplicação extensiva e intensiva de técnicas de pesquisa como o *levantamento demográfico*.

<sup>2</sup> O Volume I traz as definições sobre os tipos de falantes e a Parte 2, seção 2, deste volume traz instruções para a definição de proficiência linguística e sua correspondência aos tipos de falantes.

<i>parciais</i>	01 pessoa (2019), o total em fevereiro/2021 é 08 falantes	morte de 01 pessoa (2019), o total em fevereiro/2021 é 08 falantes
<i>Número de não-falantes</i>	64 (considerando todos os residentes na comunidade de referência – indígenas e não indígenas) 58 (considerando apenas os indígenas)	64 (considerando todos os residentes na comunidade de referência – indígenas e não indígenas) 58 (considerando apenas os indígenas)

## 1.2 Estimativa de indivíduos monolíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes monolíngues, considerando as línguas faladas dentro da comunidade. Crie novas linhas para inserir novas línguas. Utilize o campo de observações para complementar as informações, bem como para discutir e/ou justificar as quantidades indicadas.

- Qual a estimativa de falantes monolíngues?

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
Na língua de referência	Zero	Zero
<i>Em português</i>	64 (considerando todos os residentes na comunidade de referência – indígenas e não indígenas) 58 (considerando apenas os indígenas)	64 (considerando todos os residentes na comunidade de referência – indígenas e não indígenas) 58 (considerando apenas os indígenas)
<i>Nas demais línguas faladas no território</i>	Não há outras línguas faladas no território	Não há outras línguas faladas no território

*Observações: Todos os residentes da T.I. Rio Mequens, acima de 02 anos de idade, são falantes de Português.*

### 1.3 Estimativa de indivíduos bilíngues na comunidade linguística

Indique em números absolutos a estimativa para os falantes bilíngues na comunidade pesquisada em relação a cada uma das possibilidades indicadas a seguir (língua de referência + português e/ou língua de referência + outra língua que não o português). Utilize o quadro de observações para incluir informações adicionais e/ou para justificar/discutir as estimativas apresentadas.

- Entre os falantes da língua de referência...

	Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
<i>Quantos também falam português?</i>	Todos os falantes de Sakurabiat também falam Português	Todos os falantes de Sakurabiat também falam Português
<i>Quantos também falam uma outra língua? Informe a língua</i>	Nenhum dos falantes de Sakurabiat fala outra língua além do Português	Nenhum dos falantes de Sakurabiat fala outra língua além do Português

*Observações:*

### 1.4 Caracterização de situações de plurilinguismo

Responda às questões a respeito de indivíduos plurilíngues nos campos a seguir.

- Quantos são os indivíduos na comunidade que falam três ou mais línguas?

Utilize números absolutos para apresentar a estimativa.

Na comunidade de referência (somente o que foi contabilizado pela pesquisa)	Na comunidade linguística (uma estimativa total)
nenhum	nenhum

- Quais são as línguas mais comuns faladas por indivíduos que dominam mais de duas línguas

Indique as combinações de línguas em indivíduos plurilíngues mais frequentemente identificadas na comunidade.

--

## 2. Aquisição

Aquisição é um tema que se desdobra em duas questões. A primeira diz respeito a que línguas são adquiridas como primeira ou segunda língua na comunidade. Apresente-as hierarquicamente e, se necessário, indique mais de uma língua na mesma posição. A segunda questão diz respeito às formas de aquisição da segunda língua pelos membros da comunidade (consultar a Parte 2, seção 6.2, para obter maiores informações).

- Qual língua é mais comumente aprendida como **primeira língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 - Português
Língua 2

Língua 3

- Qual língua é mais comumente aprendida como **segunda língua**?

Indique mais de uma língua em cada posição, se necessário.

Língua 1 - Embora não tenha havido aquisição plena da língua Sakurabiat nos últimos 20 anos, pelo menos, a língua Sakurabiat é aprendida como 2ª língua, ainda que de modo parcial. Aprendem palavras do vocabulário cotidiano (fauna, flora, relações de parentesco, etc)

Língua 2

Língua 3

- **Para as línguas adquiridas como segunda língua, indique:**

Preencha com as informações requeridas quanto à aquisição da segunda língua:

- i.) identifique a língua por meio da sua denominação;
- ii.) informe em que fase da vida ocorre a aquisição dela (por exemplo, na infância, na idade escolar, na fase adulta, etc.); e
- iii.) em que situações sociais (onde e com quem) a língua é geralmente adquirida (em casa com os pais, nas ruas com amigos, na escola, etc.).

Crie, se necessário, novas tabelas para incluir mais línguas.

Língua:	Sakurabiat
Em que fase da vida dos indivíduos a língua é adquirida?	Desde a infância, as crianças têm contato com a língua
Em que contextos sociais ela está sendo adquirida?	Nas interações sociais, e na escola

- Há diferenças notáveis entre a aquisição da língua de referência em diferentes localidades investigadas?

No quadro abaixo identifique as localidades e em que elas se diferenciam.

--

### 3. Transmissão da língua de referência

Esta seção contém duas entradas distintas de dados: na primeira, são requeridos os números absolutos e o percentual de falantes fluentes, parciais e não falantes em cinco faixas etárias. A segunda questão é focada na transmissão da língua de referência para a qual cada inventário indicará o grau correspondente dentre aqueles apresentados, além de uma breve justificativa para a seleção do grau (no quadro observações).

#### 3.1 Taxa de transmissão

Com base em seu levantamento demográfico, indique os tipos de falantes para cada faixa etária em números absolutos e porcentagem. Na seção 5.5 do volume 1 trazemos algumas sugestões caso a identificação da idade dos indivíduos seja um problema para certos inventários.

DADOS DO LEVANTAMENTO EM CAMPO EM [REDACTED] – incluindo os dois falantes que moravam fora da T.I. Rio Mequens

	Falantes Fluents [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	0	0	0	0	27	100%
Juventude 13-25	0	0	3	11%	24	89%
Adulta I 26-40	2	17%	1	8%	9	75%
Adulta II 41-60	7	50%	3	21%	4	29%
Idoso +60	6	75%	2	25%	0	0

DADOS ATUALIZADOS EM 2021, COMPUTANDO O FALECIMENTO DE 04 PESSOAS

	Falantes Fluents [1]		Falantes com proficiência parcial [2]		Não falantes [3]	
	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual	Nº absoluto	Percentual
Infância 0-12	0	0	0	0	27	100%
Juventude 13-25	0	0	3	12%	23	88%
Adulta I 26-40	2	18%	0	0%	9	82%
Adulta II 41-60	6	46%	3	23%	4	31%
Idoso +60	4	67%	2	33%	0	0

### 3.2 Grau de transmissão da língua

Indique o grau de transmissão da língua marcando a opção adequada. Propomos quatro níveis para a transmissão da língua, definidos da seguinte maneira: i) **estável**; ii) **em crise**; iii) **em retomada de crescimento**; iv) **interrompida**. Utilize o quadro de observações para outras considerações bem como para a discussão/ análise do grau selecionado (consultar Parte 2, seção 6.2, para mais orientações sobre os níveis).

<input type="checkbox"/> Estável
<input type="checkbox"/> Em crise
<input type="checkbox"/> Em retomada de crescimento
<input checked="" type="checkbox"/> Interrompido

Observações: Há mais de duas décadas, não tem havido transmissão da língua. Os dois falantes (plenos) mais jovens possuem mais de 25 anos.

## 4. Escrita e Leitura

### 4.1 Situação de grafias na língua

#### 4.1.1 Identificar a existência de grafias

Identificar se a língua está atualmente sem grafia, se possui uma grafia ou se possui múltiplos modelos de grafias (e quantas).

sem grafias (ágrafa)  
 com *uma* grafia  
 com múltiplos modelos de grafias. Quantas? \_\_\_

#### 4.1.2 Caracterizar as grafias existentes

Deve-se produzir um diagnóstico sumário com base nas respostas às questões da tabela abaixo. Se houver mais de uma grafia, identifique cada uma com uma denominação única. Para cada grafia, utilize uma linha diferente da tabela.

Denominação da grafia	Sakurabiat
Quem elaborou? Quando? Com que propósito?	<p>O sistema de grafia da língua Sakurabiat foi elaborado por Ana Vilacy Galúcio e testado pela pesquisadora durante as aulas de alfabetização, ministradas na década de 1990 (1996-1998). A proposta formal de ortografia da língua Sakurabiat, aprovada pela comunidade de fala, em reuniões com participação de todos os membros da comunidade à época, foi apresentada em Galucio (2004). A grafia foi planejada no contexto no qual o público de usuários era constituído por falantes adultos da língua.</p> <p>Essa ortografia foi revisada, pela linguista e assistente de pesquisa do levantamento Carla Costa (2020), em decorrência da mudança no status da comunidade de fala. Atualmente, como reportado anteriormente neste relatório, a maioria das pessoas na T.I. Rio Mequens já não fala a língua Sakurabiat. Esta pode ser definida como língua de herança e L2 para os alunos e professores. Desta forma, houve solicitação por parte dos professores indígenas de revisão da ortografia, para facilitar sua aprendizagem pelos alunos, aprendentes de sakurabiat como L2, ou seja, alunos não falantes da língua. Essa revisão foi proposta por Costa (2020) diz respeito à grafia de vogais nasais e nasalizadas, que passaram a ser sempre indicada por til (~) e na representação de vogais longas maiúsculas e</p>

	minúsculas.
Está sendo usada na alfabetização? Quem ensina? Onde?	A grafia é ensinada na escola Aipere (aldeia Baixa Verde), nas aulas de Língua Materna; ensinada pela professora da escola;
Quem a usa atualmente na comunidade?	Os jovens adultos (faixas etárias I e II) conhecem a grafia da língua, mas não a usam para escrever em Sakurabiat. Porém, na assembleia para apresentação do INDL, anuências e demandas da comunidade com relação à língua, foi demandada a produção de materiais para ensino-aprendizagem da língua, inclusive dicionários. Há um interesse em se usar o espaço da educação escolar indígena, para o ensino da língua tradicional.
É relevante para que tipos de produtos escritos?	Para materiais didáticos e para quaisquer outros registros da língua. O livro de narrativas tradicionais Sakurabiat: Mayãp ebõ (GALÚCIO, 2006) e a cartilha de alfabetização (GALÚCIO; SAQUIRABIAR, 2004) utilizaram a grafia definida por Galucio (2004); o material didático proposto por Costa (2020) já utiliza a grafia revisada por Carla Costa (2020).

#### 4.1.3 Contrastar as grafias existentes

Utilize o quadro abaixo para contrastar as diferentes grafias, tanto sob um ponto de vista sobre o sistema de representação gráfica da língua, quanto eventuais problemas e demais diferenças entre elas.

Como descrito acima, a grafia definida por Galucio (2004) foi revisada em 2020, para se adequar ao status da língua na comunidade. Em seu trabalho de Mestrado, orientado por Galucio, Carla Costa apresentou uma proposta de revisão. Essa revisão foi justificada e discutida em Costa (2020) e diz respeito basicamente à grafia de vogais nasais e nasalizadas, que passaram a ser sempre indicadas por til (~) e na representação de vogais longas maiúsculas e minúsculas.

Como descrito em Guaratira e Costa (2020), na ortografia elaborada por Galúcio (2004), apenas as vogais fonologicamente nasais eram marcadas com o til <~>. As vogais nasalizadas não recebiam essa marcação, pois o espalhamento de nasalidade era previsto pelos falantes da língua. No entanto, o espalhamento de nasalidade não é previsível para os aprendentes de Sakurabiat como segunda língua. Por esse motivo, na ortografia atual, optou-se por marcar com o til as vogais nasalizadas, bem como as vogais fonologicamente nasais. Dessa forma, uma palavra como /pã.ra.'re/ 'peneira', pronunciada [pã.rã.'rẽ], era escrita <pãrare> de acordo com a ortografia de Galúcio (2004) e passou a ser escrita <pãrãrẽ>, conforme a ortografia proposta por Costa (2020).

Outra mudança em relação à grafia de vogais nasais diz respeito à marcação com o til nas vogais nasais longas. De acordo com Galúcio (2004), as vogais longas são representadas ortograficamente por duas letras idênticas, como em /kũ:p/ 'doce', escrito <kũup>. No entanto, na representação ortográfica das vogais nasais longas a marcação com o diacrítico til só ocorre na primeira letra. Buscando manter a diferença entre vogais curtas e longas, e vogais nasais e

orais, Costa (2020) propõe que as vogais longas nasais sejam grafadas por duas letras idênticas com o acréscimo do til nas duas letras, resultando na seguinte representação da palavra 'doce': <kũũp>. Ademais, a autora também propõe que as vogais longas, nasais e orais, sejam escritas por duas letras idênticas tanto na forma maiúscula quanto na forma minúscula. Sendo assim, um texto que inicie com a palavra /ã:po/ 'banco' deve começar da seguinte maneira: <ÃÃpo>; e não <Ãapo> como previsto por Galúcio (2004). No quadro a seguir, temos os fonemas da língua Sakurabiat e suas respectivas representações ortográficas, de acordo com o proposto por Costa (2020).

Fonema	Grafia maiúscula	Grafia minúscula
/p/	<P>	<p>
/b/	<B>	<b>
/t/	<T>	<t>
/k/	<K>	<k>
/kw/	<Kw>	<kw>
/g/	<G>	<g>
/ʔ/	<'>	<'>
/s/	<S>	<s>
/r/	<R>	<r>
/m/	<M>	<m>
/n/	<N>	<n>
/ŋ/	<Ng>	<ng>
/ŋ <sup>w</sup> /	<Ngw>	<ngw>
/w/	<W>	<w>
/j/	<Y>	<y>
/a/	<A>	<a>
/ã/	<Ă>	<ã>
/a:/	<AA>	<aa>
/ã:/	<ĂĂ>	<ãã>
/e/	<E>	<e>
/ẽ/	<Ě>	<ẽ>
/e:/	<EE>	<ee>
/ẽ:/	<ĚĚ>	<ěě>
/i/	<I>	<i>
/ĩ/	<Ī>	<ĩ>
/i:/	<II>	<ii>
/ĩ:/	<ĪĪ>	<ĩĩ>
/u/	<U>	<u>
/ũ/	<Ū>	<ũ>
/u:/	<UU>	<uu>
/ũ:/	<ŪŪ>	<ũũ>
/o/	<O>	<o>
/õ/	<Ō>	<õ>
/o:/	<OO>	<oo>
/õ:/	<ŌŌ>	<õõ>

#### 4.2 Textos escritos produzidos pela comunidade

Neste tópico estão contemplados diagnósticos sobre os tipos de textos produzidos na comunidade linguística, focando na língua de referência e no Português.

As pessoas da comunidade costumam escrever na sua própria língua?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	
Há quanto tempo existe o uso da escrita na língua de referência pela comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Há menos de 25 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 25 anos e menos de 75 anos <input type="checkbox"/> Há mais de 75 anos
Pode-se dizer que existe uma tradição de textos escritos em diferentes gêneros discursivos na comunidade?	<input checked="" type="checkbox"/> Não <input type="checkbox"/> Sim
Comente a questão anterior se sua resposta for “sim”: O livro de narrativas tradicionais Sakurabiat: Mayãp ebõ (GALÚCIO, 2006) e a cartilha de alfabetização (GALÚCIO; SAQUIRABIAR, 2004) são os únicos materiais escritos na língua Sakurabiat	

As pessoas da comunidade costumam escrever em português?	<input type="checkbox"/> Não <input checked="" type="checkbox"/> Sim
Quais tipos de textos?	Mensagens em aplicativos de comunicação online (whatsapp), pequenos textos de recado

Comente sobre as principais diferenças entre a prática de escrita e leitura na língua portuguesa e na língua de referência da comunidade

--

#### 4.3 Paisagem linguística

Na tabela abaixo, responda a questão de múltipla escolha com relação à paisagem linguística nas localidades onde vivem seus falantes, ou seja, como se dá a presença de textos escritos expostos de forma visível e acessível nos principais ambientes de circulação pública na comunidade.

Quais são os principais tipos de textos escritos que costumam estar expostos na paisagem linguística das localidades de ocorrência da língua de referência	<input checked="" type="checkbox"/> Cartazes, faixas, <i>banners</i> e cartolinas – Esses cartazes são apenas disponíveis na escola da aldeia baixa verde. <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos públicos <input type="checkbox"/> Letreiros em estabelecimentos comerciais e privados <input type="checkbox"/> Placas de trânsito, de turismo ou outras formas de sinalização em vias de circulação pública <input type="checkbox"/> Inscrições em cemitérios, muros, edifícios,
--	--

	paredes, rochas, árvores, etc. [ ] Outros. Explique: [ ] Nenhum (não há textos escritos na língua de referência expostos publicamente)
--	--

*Anexar / Fazer upload de arquivos no acervo digital referentes à documentação da paisagem linguística*

Foto de cartazes na escola indígena.

#### 4.4 Proficiência em escrita e leitura

Nas tabelas a seguir, indique a quantidade de indivíduos com relação às habilidades de leitura e escrita na língua de referência (a) e em Português (b). Assumimos três níveis de proficiência: pleno, parcial e nulo. Leitura e escrita devem ser avaliadas separadamente (consultar Parte 2, seção 2, para mais orientações sobre proficiência em escrita e leitura).

##### ▪ Língua de referência

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno				
Parcial				
Nulo				

Observações: Não foi feito um levantamento quantitativo total da proficiência em escrita e leitura. Porém, por se tratar de uma comunidade pequena, e devido ao conhecimento de longa data da coordenadora, podemos estimar a proficiência.

Os jovens adultos (faixas etárias I e II) conhecem a grafia da língua, mas não a usam para escrever em Sakurabiat. Os falantes plenos da língua nessa faixa etária, quase todos fizeram o curso de alfabetização na língua com Galúcio, na década de 1990. Entre os jovens adultos (juventude, até 25 anos) há certo conhecimento do sistema de ortografia, mas também não utilizam. Na escola indígena da aldeia Baixa Verde, a professora tem buscado alfabetizar os alunos na língua de referência, conforme relatado em outras partes deste relatório.

De todo modo, a aprendizagem da escrita é valorizada pela comunidade, e há uma motivação atualmente para aprender, como pode ser visto no vídeo, em que a comunidade apresenta suas demandas com relação à língua de referência, e também é discutido nos artigos:

- COSTA, C. D. N.; GALÚCIO, A. V. O status da escrita no contexto educacional da língua Sakurabiat. **Entrepalavras**, Fortaleza, v. 9, n. 2, p. 415-433, maio-ago. 2019. <http://www.entrepalavras.ufc.br/revista/index.php/Revista/article/view/1507>
- GUARATIRA, S. S. C. ; COSTA, C. D. N. . Experiências de resgate da língua e cultura Sakurabiat. **Cadernos de Linguística**, v. 1, p. 1-14, 2020. Disponível em <https://cadernos.abralin.org/index.php/cadernos/article/view/249>

Em anexo, encontra-se uma pequena amostragem do uso da grafia, com 3 pessoas na aldeia 90, sendo um adulto (falante pleno da língua) que aprendeu a grafia, nas aulas no final da

década de 1990, e seus dois filhos, ensinados por ele, sendo um falante parcial, que apenas entende parcialmente a língua e um não-falante. Essa amostragem indica as diferenças entre falantes e não-falantes no uso da grafia em Sakurabiat. Outras 7 amostras foram coletadas, durante oficina de ensino da língua (2017), para não falantes, ou seja, crianças e jovens que apenas conhecem palavras na língua.

Quanto à proficiência de leitura, avaliamos também como parcial, pelos falantes plenos (adulto I e II) os mesmos que foram alfabetizados na década de 1990. Materiais escritos na língua indígena, como o livro de narrativas tradicionais Sakurabiat: Mayã ebõ (GALÚCIO, 2006) e a cartilha de alfabetização (GALÚCIO; SAQUIRABIAR, 2004), são bastante conhecidos por toda a comunidade e serviram como importante ferramenta de pesquisa para que os professores indígenas em formação pudessem suprir necessidades de uso da língua em atividades escolares.

▪ Português

Nível de proficiência	Leitura		Escrita	
	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística	Nº absoluto	Estimativa em relação à comunidade linguística
Pleno				
Parcial				
Nulo				

Observações: Em relação ao Português, toda a população na faixa etária infância (a partir da idade escolar), juventude e adulto I, são proficientes (parcial ou pleno) em leitura e escrita em português. Estima-

## 5. Situações de usos<sup>3</sup>

### 5.1 Língua mais frequente

- Qual língua é usada com mais frequência nas situações cotidianas na comunidade?

Marque mais de uma se necessário. Crie uma hierarquia no caso de mais de uma língua: comece com a mais frequente e termine com a menos frequente. Este item pode ser respondido com base em um levantamento demográfico ou por conhecimentos gerais de pessoas-chave e observação etnográfica.

Língua 1 – Português
Língua 2 - Sakurabiat
Língua 3

<sup>3</sup> Conferir Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esse tema.

## 5.2 Situações comunicativas

Discuta as diferentes situações comunicativas cotidianas na comunidade linguística tomando como base os seguintes pontos:

- Qual língua é usada em cada situação
- Qual o Âmbito/Local onde cada situação ocorre
- Quais são os interlocutores (como quem se fala) em cada situação
- Qual o meio de cada situação: Meio Oral/Sinal; Meio Escrito; Meio eletrônico (computador, internet, redes sociais, celular, etc.)

Na maioria dos contextos, a língua utilizada é o Português. Os falantes de Sakurabita fazem uso da língua de referência, apenas em contextos em que estão reunidos apenas entre falantes, ou quando a interação envolve um dos falantes da faixa etária acima de 60 anos.

Há vários registros no acervo documental da língua de situações de uso da língua, incluindo músicas, narrativas históricas, narrativas pessoais, narrativas mitológicas, conversas, vocabulário, definição de palavras etc

*Anexar / fazer upload da documentação dos usos linguísticos cotidianos no acervo digital*  
3 vídeos de uso linguístico: uma conversa, uma narrativa pessoal e uma música.

## 5.3 Dinâmica dos usos da língua de referência:

Para esta questão, classifique a situação dos usos da língua de referência numa escala conforme as definições a seguir, escolhendo a mais apropriada. Em seguida, no campo “Justificativa e detalhes”, preencha com breves informações sobre a escolha do grau, além de outras considerações e análises pertinentes ao tema (consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática).

Identifique como está a situação dos usos da língua de referência a partir de um dos níveis abaixo:

[4] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração
<input checked="" type="checkbox"/> [X] Uso restrito
[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhes: O uso da língua sakurabiat é bastante restrito. Em conversas cotidianas é utilizado basicamente com a geração de adultos idosos (acima de 60-70 anos de idade) ou em encontros de adultos falantes, especialmente com não há a presença de jovens e crianças que não entendem a língua. Por outro lado, no dia-a-dia a língua é sempre usada em situações de comando curtas, ou intercalada com português. Na escola, a professora tenta ensinar a língua, mas como ela também é não-falante, seu foco maior é na escrita.

➤ **Crie um quadro adicional para o português ou outra língua comunidade caso seja necessário**

Identifique como está a situação dos usos do português a partir de um dos níveis abaixo:

[x] Uso em expansão
[3] Uso estável
[2] Uso em retração
[1] Uso restrito
[0] Uso interrompido

Justificativa e detalhamentos: A identificação como “uso em expansão” se deve ao fato de o português ser a língua mais usada em todos os contextos de comunicação

#### 5.4. Usos linguísticos especiais da língua de referência<sup>4</sup>

##### 5.4.1 Identificação dos usos especiais

Identifique os tipos de usos especiais da língua de referência, ou seja, aqueles marcados por um valor cultural especial, destacados dos demais usos cotidianos na língua devido ao fato de ocorrerem em domínios sociais especiais e implicarem em uma manipulação dos repertórios linguísticos de forma diferenciada (tipos de cantos, tipos de narrativas, tipos de diálogos cerimoniais, etc. Consulte a seção 6). Faça a identificação baseada na autoidentificação da comunidade. Indique o nome (crie um se necessário), faça uma breve descrição das características formais e dos conteúdos expressos por esse tipo de uso e o domínio social no qual ocorre (onde/quando), como por exemplo, em festas tradicionais, no ambiente privado ou público, entre outros

Nome ou outra forma de identificação dos usos linguísticos especiais	Breve descrição das características formais e dos conteúdos de cada uso	Situações sociais onde tendem a ocorrer e pessoas que dominam essa forma de uso linguístico	<i>Anexar / Fazer upload arquivos no acervo</i>
Narrativas mitológicas	Essas narrativas contêm diálogos em várias vozes: a voz do narrador e a voz dos personagens. O uso de discurso direto para reportar a voz dos personagens é uma característica	Essas narrativas costumavam ser contadas à noite, quando todos estavam reunidos, e podiam passar de um dia ao outro.	O áudio, a transcrição e as legendas do texto “Kōtkōrã asisi” que conta como surgiu o milho, através da astúcia do cacique Kōtkōrã. A história foi contada por Mercedes Guaratira (já falecida), como parte de um projeto de

<sup>4</sup> Consultar Parte 2, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

	<p>marcante desse uso. São narrativas longas, que requerem além do conhecimento do enredo, memória acentuada para recordar os detalhes da trama.</p>		<p>documentação da língua Sakurabiat.</p> <p>Essa narrativa foi publicada, em uma coletânea que apresentou narrativas analisadas de diversas línguas da Amazônia.</p> <p>GALUCIO, A. V.; SAKYRABIAR, M. G. ; SAKYRABIAR, M. F. ; SAKYRABIAR, R. G. ; SAQUIRABIAR, O. F. . Sakurabiat. In: Kristine Stenzel; Bruna Franchetto. (Org.). <b>On this and other worlds: Voices from Amazonia</b> (Studies in Diversity Linguistics 17). 1ed. Berlin: Language Science Press, 2017, v. , p. 331-351.</p> <p>Os arquivos digitais estão disponíveis em:  <a href="https://zenodo.org/record/997447#.YDGIHuhKiUk">https://zenodo.org/record/997447#.YDGIHuhKiUk</a></p>
--	--	--	---

#### 5.4.2 Caracterização da situação atual dos usos linguísticos especiais

Responda as questões a seguir para cada uso especial da língua identificado na questão anterior.

Uso linguístico especial	Qual a proporção de indivíduos que conhecem atualmente esse tipo de uso?	Qual a frequência relativa que as pessoas praticam esse tipo de uso linguístico?	Como está a transmissão desse tipo de uso linguístico?
Narrativas mitológicas	<input type="checkbox"/> Muitas pessoas <input checked="" type="checkbox"/> Poucas pessoas <input type="checkbox"/> Ninguém	<input checked="" type="checkbox"/> Menos do que antigamente <input type="checkbox"/> Mais do que antigamente	<input checked="" type="checkbox"/> Não há pessoas aprendendo <input type="checkbox"/> Há um número decrescente de pessoas aprendendo

			[ ] Há um número crescente de pessoas aprendendo
--	--	--	--

Utilize a tabela abaixo para esclarecer a situação atual dos usos linguísticos especiais

Restam poucos anciãos que detêm esse conhecimento e a prática da narrativa mitológica.
--

## 6. Atitudes linguísticas da comunidade

Nesta seção estão explícitas duas questões sobre atitudes linguísticas dos falantes frente à língua de referência, mas vale lembrar que tais questões estão dispersas por todo o formulário, já que essa é a natureza do tema. Nos dois itens a seguir, espera-se que seja apresentado e discutido como as línguas funcionam (ou não) como referência cultural, como elemento de distinção e marcador de identidade(s) dos grupos (consultar Parte 2, seção 7, para maiores orientações sobre esse tema).

### 6.1 Grau de atitudes dos falantes com relação à língua de referência

Selecione a opção mais adequada, conforme as categorias propostas. Utilize o quadro de observações para problematizar a escolha e apresentar outros detalhes acerca do tema.

<input type="checkbox"/> Extremamente Positiva	A comunidade tem a língua como um importante valor sociocultural e procura se organizar para garantir o fortalecimento e a expansão dos usos sociais da língua
<input checked="" type="checkbox"/> Positiva	A comunidade tem a língua como um valor sociocultural e gostaria de vê-la sendo transmitida para as novas gerações
<input type="checkbox"/> Indiferente	A língua não é uma questão importante para a comunidade
<input type="checkbox"/> Negativa	A comunidade não tem a língua como um valor cultural, e, em geral, é contra iniciativas para apoiar a transmissão da língua na comunidade
<input type="checkbox"/> Cindida	A comunidade encontra-se dividida: uma parte da comunidade tem uma visão positiva e outra uma visão negativa ou indiferente da língua

Observações: Como dito anteriormente, a situação de perda linguística vivenciada pelos Sakurabiat vem se constituindo há algumas décadas e atualmente há uma situação de alta vulnerabilidade e pouca vitalidade da língua. O processo de perda e mudança linguística no caso dos Sakurabiat foi relativamente gradual e envolveu fatores sociolinguísticos já conhecidos na literatura, como redução populacional, devido, sobretudo, a doenças, marginalização e/ou repressão, espaço de uso reduzido, quebra na cadeia de transmissão, o que resulta em número reduzido de falantes e concentração desses falantes entre pessoas com idades avançadas.

Como demonstrado nas demais seções, a língua Sakurabiat não está sendo ensinada/aprendida e nem está sendo usado como veículo regular de comunicação na comunidade. Porém, é reportado unanimemente pelos membros da comunidade a vontade de que a língua volte a ser aprendida pelas crianças e jovens.

Existe um processo de resgate cultural e linguístico, iniciado pelos Sakurabiat desde 2015 e impulsionado pela participação de três jovens adultos que iniciaram o curso de formação de

professores indígenas (III Etapa do Projeto Açáí, desenvolvido pela Coordenação Geral do Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia). O processo de valorização da língua e cultura tradicionais foi motivado especialmente pelas atividades realizadas durante o curso de formação de professores que demandavam conhecimentos específicos dos alunos sobre costumes, tradições e línguas de seus respectivos povos. Assim como pela demanda específica de ensino da língua tradicional na escola indígena da aldeia, como parte do currículo escolar formal.

Essas situações concretas que impulsionaram o processo de resgate linguístico e cultural refletem também um “acordar” do povo para a importância da valorização e manutenção desses conhecimentos. O resgate cultural e linguístico de iniciativa dos professores Sakurabiat está sendo desenvolvido no contexto escolar. Em um primeiro momento, eles identificaram que muitos conhecimentos e costumes tradicionais não estavam sendo repassados, então organizaram atividades que pudessem servir para recuperar o conhecimento. Motivar as pessoas da comunidade para a valorização da cultura foi um primeiro desafio.

No contexto específico da educação escolar indígena, pelo menos desde 2017, está ocorrendo a tentativa de resgate linguístico, através de atividades, com a participação de falantes de Sakurabiat, que residem na mesma aldeia onde está localizada a escola. Entre essas atividades está a contação de histórias tradicionais, seja com base no livro de histórias tradicionais (Galucio, 2006) seja com base no conhecimento ativo dos falantes adultos da aldeia, especialmente o pai da professora.

O reforço da importância da língua Sakurabiat e da sua aprendizagem acontece nas atividades cotidianas da escola, como o incentivo à utilização de palavras em Sakurabiat dentro e fora da escola. No contexto escolar, há também uma ênfase no estudo da língua escrita, possivelmente motivado pelo status elevado dessa modalidade da língua entre os Sakurabiat (Costa; Galucio, 2018 ).

Uma das demandas do grupo foi por material didático para ensino da língua na escola, conforme descrito em Costa (2020), a qual reporta que a vontade de aprender a falar a língua para se comunicar e, dessa forma, reafirmar a identidade étnica do povo é manifestada por diversos membros da comunidade, embora algumas pessoas considerem que a retomada da língua para uso como veículo de comunicação cotidiana não seja mais possível.

## 6.2 Atitude em relação às demais línguas

Caracterize em um texto analítico sucinto a atitude da comunidade linguística sobre as outras línguas faladas em seu território, incluindo o português (caso essa língua seja falada). Mencione, quando possível, exemplos de situações de contato linguístico, como empréstimos, diglossias, *code-switching*, entre outros.

O uso do português não é condenado pela comunidade de referência, que valoriza o aprendizado dessa língua.

*Anexar / Fazer upload entrevistas/reuniões com falantes de referência*

A assembleia de apresentação do INDL, solicitação e apresentação da anuência para o

registro da língua, bem como a apresentação das demandas e prioridades do grupo são integralmente em português. (ver vídeo, no item anuência)

## 7. Síntese

### 7.1 Língua dominante no território da língua de referência

Nesse momento, qual ou quais língua(s) a pesquisa identifica como dominante para a vida cotidiana e valores culturais na comunidade, incluindo os fatores consideradas nesse diagnóstico (aquisição, transmissão, usos, atitudes)? É possível estabelecer uma hierarquia entre as línguas nesse sentido?

Essa questão é uma síntese de todo o item “usos linguísticos”. Para responder essa questão sugerimos que a relevância social da língua seja avaliada com base nos seguintes critérios: 1) **Demografia**; 2) **Aquisição**; 3) **Domínios sociais**; 4) **Valor cultural**. Conferir Parte II, seção 6, para maiores orientações sobre esta temática.

Língua 1	Português
Língua 2	Sakurabiat
Língua 3	

Justificativa: O português é a língua mais usada em todas as situações de interação social e comunicativa na comunidade. A situação de perda e mudança linguística entre os Sakurabiat resultou que duas gerações de crianças não aprenderam a língua tradicional do grupo. Português é falado por todos os Sakurabiat e é a primeira e única língua de todas as crianças nascidas na T. I. Rio Mequens, pelo menos desde o início da década de 1990. A situação sociolinguística vivenciada na T. I. Rio Mequens leva à conclusão que Sakurabiat é ao mesmo tempo segunda língua (L2) e língua de herança para a comunidade. O status de L2 é evidenciado pelo fato de o Português ser a primeira língua aprendida por todos e usada como língua de comunicação, enquanto o Sakurabiat é apenas parcialmente compreendido e seu conhecimento limitado a determinados itens do vocabulário e/ou expressões. Costa (2020) argumenta que a definição de língua de herança, como descrita, por exemplo, por Kelleher (2010) pode ser atribuída à situação vivenciada na comunidade Sakurabiat, em que relações afetivas e o valor de pertencimento são atribuídos à língua dos pais e/ou avós, a qual assume assim o papel de ser uma das propriedades que caracteriza o pertencimento étnico.

### 7.2 Panorama das línguas em contato

No campo abaixo, apresente uma breve análise e discussão de como diferentes línguas coexistem na área de abrangência da pesquisa. Utilize como guia as questões abaixo, além de outras consideradas pertinentes.

As únicas línguas usadas na comunidade de referência são o Sakurabiat e o português, sendo que o português é a língua já dominante. Todos os falantes de sakurabiat são bilíngues (Sakurabiat e Português). Em todas as famílias extendidas (aí incluídas uma família nuclear,

com os filhos solteiros e filhos casados com suas respectivas famílias) há pelo menos um falante de Sakurabiat, seja um pai/mãe, avô/avó. Todas as famílias nucleares, cujos chefes (pai/mãe) estão na faixa etária abaixo de 40 anos, são monolíngues em Português, à exceção de uma família. Nesses casos, as famílias são monolíngues em Português. Mesmo nas famílias em que há um ou dois falantes, o uso do português é predominante.

## Módulo 6

# Avaliação da vitalidade linguística, revitalização e promoção

Este módulo do formulário consolida o diagnóstico da vitalidade linguística e das ações existentes e futuras de valorização e promoção da língua.

### 1. Ações de revitalização e promoção

Nos campos a seguir, identifique e caracterize ações de valorização e promoção da língua de referência já existentes e outras indicadas pela comunidade como demandas (consultar Parte 2, seção 9, para maiores orientações sobre o tema).

#### 1.1 Identificação e caracterização de ações de revitalização e promoção

- Identifique e caracterize as principais ações de valorização e promoção que a língua possui atualmente

No quadro a seguir, utilizando quantas linhas forem necessárias, identifique as ações de valorização ou promoção nas quais a língua esteja envolvida atualmente ou que tenham ocorrido recentemente. Para tal, denomine a ação (como encontro de falantes; oficinas para elaboração de material didático; etc); os atores envolvidos, ou seja, quem participa dessas ações, como professores; agentes de saúde; etc; as atividades desempenhadas e demais observações pertinentes a essas ações.

Denominação da ação	Atores envolvidos	Atividades desempenhadas	Observações
1. Festas para resgatar conhecimentos culturais do grupo	Todos os membros da comunidade	Preparação de comidas tradicionais e de artesanatos. Nas 2ª festa, foram confeccionados artesanatos como brincos, pulseiras e colares. Preparo de comidas tradicionais, como: massaco de mandioca e cará, chicha de banana e milho, carne moqueada, peixe assado na folha de bananeira etc. O uso da língua Sakurabiat também ficou mais evidente na segunda festa. Foram lembrados os nomes dos animais, frutas e cereais usados na preparação das comidas tradicionais, bem como dos elementos	As ações 1, 2, e 3 foram organizadas no contexto do processo de resgate linguístico e cultural, capitaneado pelos jovens professores indígenas, como já reportado nas seções anteriores. Foram realizadas duas festas.

		da fauna e flora utilizados para a confecção dos artesanatos.	
2. Oficina de artesanato	Todos os membros da comunidade	Foram três dias de atividades, incluindo oficinas de artesanato, como produção de rede e flecha, pintura corporal, canto e danças das etnias presentes (Aikanã e Surui) e também em Sakurabiat.	As ações 1, 2, e 3 foram organizadas no contexto do processo de resgate linguístico e cultural, capitaneado pelos jovens professores indígenas, como já reportado nas seções anteriores
3. Valorização e resgate da língua e cultura Sakurabiat na escola	Professora da escola Aipere e seu pai, o qual é falante pleno de Sakurabiat, alunos da escola	Contação de histórias na escola; Caminhadas na floresta para ensinar os aprendizes sobre plantas medicinais; incentivo ao uso de palavras em Sakurabiat, fora da escola.	As ações 1, 2, e 3 foram organizadas no contexto do processo de resgate linguístico e cultural, capitaneado pelos jovens professores indígenas, como já reportado nas seções anteriores
4. Material didático	Professores indígenas, Carla Costa e Ana Vilacy Galucio	Oficinas com os professores indígenas e outros adultos (geralmente, pais de alunos) para planejamento e elaboração de Material didático	As oficinas foram realizadas em 2018 e 2019.

## 1.2 Propostas da comunidade para a salvaguarda da língua

- Identifique, em quantas linhas forem necessárias, as propostas da comunidade para a salvaguarda da língua, explicitando para cada uma delas a sua justificativa, seu nível relativo de prioridade em relação às demais demandas, as ações necessárias esperadas, os atores potenciais (quem seria mobilizado para tal iniciativa), as pessoas ou instituições a quem devem ser encaminhadas as demandas e demais observações pertinentes.

Propostas	Justificativa	Prioridade	Ações necessárias	Pessoas ou instituições a serem encaminhadas as demandas	Observações

<p>material didático para ensino da língua na escola</p>	<p>A cartilha elaborada anteriormente (Galucio; Sakyrabiar 2004) já não atende às necessidades atuais da comunidade. A comunidade reconhece o espaço da educação escolar indígena como sendo um espaço propício para se trabalhar o resgate da língua e cultura. Além disso, No contexto escolar, há, pois, uma ênfase no estudo da língua escrita, possivelmente motivado pelo status elevado dessa modalidade da língua entre os Sakurabiat</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> Alto  <input type="checkbox"/> Médio  <input type="checkbox"/> Baixo</p>	<p>Planejar e elaborar material</p>	<p>Linguista Ana Vilacy Galucio, Assistente de pesquisa Carla Costa, Museu Goeldi</p>	<p>Carla Costa elaborou uma proposta de Material didático para o ensino da língua na escola (Costa, 2020). Porém devido às limitações ocasionadas pela pandemia de covid-19, o material ainda não pode ser encaminhado para a seduc/Ronem para a comunidade.</p>
<p>Oficinas nas aldeias que sejam mantidas pelos mais velhos</p>	<p>A experiência recente dos Sakurabiat (com a realização de 1 oficina de artesanato tradicional em 2017)</p>	<p><input checked="" type="checkbox"/> Alto  <input type="checkbox"/> Médio  <input type="checkbox"/> Baixo</p>	<p>Planejar e buscar recursos e apoio</p>	<p>Funai, seduc-RO, IPHAN</p>	<p>Editais específicos podem ser pensados para apoiar esse tipo de ação</p>

	mostrou que esse tipo de atividade tem um efeito positivo para o resgate da língua e cultura tradicional				
<p> Materiais didáticos na língua de referência, como dicionários, por exemplo</p>	<p> A comunidade reconhece o espaço da educação escolar indígena como sendo um espaço propício para se trabalhar o resgate da língua e cultura. E na situação atual da língua, o estímulo tecnológico pode ter um efeito positivo, entre jovens e crianças.</p>	<p> <input checked="" type="checkbox"/> Alto  <input type="checkbox"/> Médio  <input type="checkbox"/> Baixo</p>	<p> Planejar e elaborar o material</p>	<p> Linguista Ana Vilacy Galucio.</p>	<p> Galucio já está trabalhando há alguns anos na coleta, organização do léxico para compor o dicionário. Em 2020, foi concluída a 1ª versão do dicionário multimídia sakurabiat – português, com itens da fauna, flora e partes do corpo. Para uso em aplicativos de celular.</p>
<p> Professores conhecedores da língua de referência e conhecedores da cultura do povo</p>	<p> A comunidade reconhece o espaço da educação escolar indígena como sendo um espaço propício para se trabalhar o resgate da língua e cultura</p>	<p> <input checked="" type="checkbox"/> Alto  <input type="checkbox"/> Médio  <input type="checkbox"/> Baixo</p>		<p> Secretaria de educação de Rondonia</p>	<p> Apenas uma aldeia possui professor e escola funcionando e uma professora indígena contratada. Há 3 professores formados pelo curso Açaí, de formação de professores indígenas.</p>

Materiais tecnológicos para registrar a língua em uso, assim como a cultura	A documentação da língua e de aspectos da cultura tradicional podem ser feitos pelos Sakurabiat, a partir da disponibilização de recursos tecnológicos	<input checked="" type="checkbox"/> Alto <input type="checkbox"/> Médio <input type="checkbox"/> Baixo	Buscar recursos	IPHAN	Editais específicos podem ser pensados para apoiar esse tipo de ação
---	--	--	-----------------	-------	--

## 2. Vitalidade linguística

A classificação das línguas na escala de vitalidade linguística deve seguir três passos básicos: 1. A determinação do índice de GRAU DE TRANSMISSÃO e DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA, critérios respectivamente primário e secundário; 2. A percepção da relevância dos critérios adicionais; 3. A indução do grau de vitalidade da língua com base numa interpretação dos critérios acima, bem como de demais fatores diagnosticados que possam ajudar a traçar um quadro prospectivo do futuro da língua. A combinação dos critérios primário e secundário definem a priori certas possibilidades de classificação das línguas, mas não são critérios absolutos. Conforme se vê na tabela a seguir, alguns graus são idênticos com relação aos critérios primário e secundário. Cabe às equipes executoras dos inventários interpretar os critérios adicionais para decidir o grau (mais ou menos) preciso em que a língua se encontra (consultar Parte 2, seção 10, para maiores orientações sobre os níveis e critérios de classificação das línguas).

### 2.1 Grau de vitalidade da língua

Selecione a alternativa adequada para aferir o grau de vitalidade da língua de referência. Utilize a tabela a seguir para essa seleção.

<input type="checkbox"/> 6 Forte
<input type="checkbox"/> 5 Vulnerável
<input type="checkbox"/> 4 Ameaçada
<input checked="" type="checkbox"/> 3 Severamente Ameaçada
<input type="checkbox"/> 2 Desaparecendo
<input type="checkbox"/> 1 Adormecida
<input type="checkbox"/> 0 Extinta

GRAU DE VITALIDADE	CORRELAÇÃO ENTRE OS CRITÉRIOS		
	TRANSMISSÃO DA LÍNGUA	DINÂMICA DOS USOS SOCIAIS DA LÍNGUA	ADICIONAIS
<b>6-Forte</b>	ESTÁVEL	EM EXPANSÃO	a) Tamanho populacional para falantes nativos e potenciais b) Graus de atitude c) Situação escolar d) Qualidade e Quantidade de Documentação sobre a língua e) Falantes de Referência
<b>5-Vulnerável</b>	ESTÁVEL	ESTÁVEL	
<b>4-Ameaçada</b>	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
<b>3-Severamente Ameaçada</b>	EM CRISE OU EM RETOMADA DE CRESCIMENTO	EM RETRAÇÃO	
	INTERROMPIDA	RESTRITO	

<b>2-Desaparecendo</b>	INTERROMPIDA	RESTRITO	<i>outros...</i>
<b>1-Adormecida</b>	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Há falantes potenciais em um bom número
<b>0-Extinta</b>	INTERROMPIDA	INTERROMPIDO	Não há falantes potenciais

## 2.2 Fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua

Descreva em um breve texto analítico os principais fatores a que se atribui o atual estado de vitalidade da língua.

Como dito anteriormente, a situação de perda linguística vivenciada pelos Sakurabiat vem se constituindo há algumas décadas e atualmente há uma situação de alta vulnerabilidade e pouca vitalidade da língua. Os Sakurabiat constituem hoje um grupo bastante reduzido, embora estejam distribuídos em cinco pequenas aldeias, eles totalizam menos de 100 pessoas vivendo atualmente na T.I. Rio Mequens. O processo de perda e mudança linguística no caso dos Sakurabiat foi relativamente gradual e envolveu fatores sociolinguísticos já conhecidos na literatura, como redução populacional, devido, sobretudo, a doenças, marginalização e/ou repressão, espaço de uso reduzido, quebra na cadeia de transmissão, o que resulta em número reduzido de falantes e concentração desses falantes entre pessoas com idades avançadas. Na década de 1990, a língua Sakurabiat contava com 23-25 falantes fluentes e já havia uma ruptura na transmissão. Naquela época as crianças já não aprendiam Sakurabiat, houve apenas duas exceções, um casal de crianças, hoje adultas, que haviam crescido próximas a sua avó e aprendido com ela a falar Sakurabiat (Galucio, 2001). O número de falantes reduziu em 50% desde então. Além de não ter havido transmissão intergeracional por mais de três décadas, houve um alto número de mortes (tanto em decorrência de fatores naturais quanto de homicídios) de idosos e outros falantes adultos de Sakurabiat.

Como demonstrado nas demais seções, a língua Sakurabiat não está sendo ensinada/aprendida e nem está sendo usado como veículo regular de comunicação na comunidade. E o Português é a língua dominante na comunidade, sendo já a 1ª língua de todas as pessoas com menos de 40 anos.

Nesse contexto é que deve ser interpretado o atual processo de resgate cultural e linguístico, iniciado pelos Sakurabiat desde 2015 e impulsionado pela participação de três jovens adultos que iniciaram o curso de formação de professores indígenas. Os três jovens professores cursaram a III Etapa do Projeto Açaí, desenvolvido pela Coordenação Geral do Núcleo de Educação Escolar Indígena da Secretaria de Estado da Educação de Rondônia (Seduc-RO).

O processo de valorização da língua e cultura tradicionais foi motivado especialmente pelas atividades realizadas durante o curso de formação de professores que demandavam conhecimentos específicos dos alunos sobre costumes, tradições e línguas de seus respectivos povos. Assim como pela demanda específica de ensino da língua tradicional na escola indígena da aldeia, como parte do currículo escolar formal.